

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS – CESP
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

ANA CLÁUDIA DE JESUS VIEIRA

**GÊNEROS TEXTUAIS: APRENDIZAGEM DA LEITURA E ESCRITA DOS
EDUCANDOS DO 6 E 7 ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL NO SEGUNDO
SEGMENTO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) EM UMA
ESCOLA MUNICIPAL DE PARINTINS.**

**PARINTINS-AM
2018**

ANA CLÁUDIA DE JESUS VIEIRA

**GÊNEROS TEXTUAIS: APRENDIZAGEM DA LEITURA E ESCRITA DOS
EDUCANDOS DO 6 E 7 ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL NO SEGUNDO
SEGMENTO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) EM UMA
ESCOLA MUNICIPAL DE PARINTINS.**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em
Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas –
UEA/Centro de Estudos Superiores de Parintins –
CESP, para obtenção do grau de licenciada em
Pedagogia.

Orientador: Prof. MSc. Franklin Roosevelt M. de
Castro.

**PARINTINS-AM
2018**

ANA CLÁUDIA DE JESUS VIEIRA

GÊNEROS TEXTUAIS: APRENDIZAGEM DA LEITURA E ESCRITA DOS EDUCANDOS DO 6 E 7 ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL NO SEGUNDO SEGMENTO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA) EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE PARINTINS.

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas – UEA/Centro de Estudos Superiores de Parintins – CESP, para obtenção do grau de licenciada em Pedagogia.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. MSc. Franklin Roosevelt M. de Castro – Orientador
Universidade do Estado do Amazonas

Prof. MSc. Eliseu da Silva Souza – Membro
Universidade do Estado do Amazonas

Prof. MSc. Maria Celeste de Souza Cardoso – Membro
Universidade do Estado do Amazonas

**Parintins-AM
2018**

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais Ana das Graças de Jesus Vieira e Adelson Felix Vieira pelo incentivo a sempre prosseguir com meus estudos. Ao meu filho Adriano Vieira Xavier razão do meu viver. Aos meus irmãos que me ajudaram, em especial in memória Adelson Vieira Filho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo dom da vida e por me dar forças nas horas que pensei em desistir devido as inúmeras dificuldades os quais tive nessa caminhada acadêmica.

Meus agradecimentos a minha família por estarem perto de mim quando mais precisei, em especial a minha mãe que sempre me incentivou a prosseguir com meus estudos. Ao meu querido pai. Ao meu amado filho Adriano Vieira Xavier minha razão de viver, foi por você que tirei forças e inspiração em busca por essa conquista. Aos meus irmãos que se fizeram presentes me incentivando e me ajudando financeiramente, em especial in memoria Adelson Filho meu amado irmão vou leva-lo para sempre no meu coração. Ao meu namorado Alesson Lima pelo apoio e carinho a mim dedicados. Muito obrigada a todos vocês!

Agradeço ao meu orientador Franklin Roosevelt M. de Castro, o qual não abriu mão em me orientar, que tirava um pouco do seu tempo para ler o meu trabalho, sendo sua parceria importante na construção desta pesquisa. Sou muito agradecida. Obrigada!

À Universidade do Estado do Amazonas pela oportunidade de estudo, em especial aos professores que contribuíram na minha formação acadêmica.

Meu agradecimento a Escola Beatriz Maranhão, na pessoa da gestora, que abriu as portas do seu espaço escolar para que eu pudesse vivenciar juntamente com os educandos e educadora as atividades, momentos de construção e aprendizado que foram muito importantes para a realização deste trabalho.

A todos que se fizeram presentes nesta trajetória meus sinceros agradecimentos.

“O saber a gente aprende com os mestres e os livros. A sabedoria se aprende é com a vida e com os humildes”.

Cora Coralina.

RESUMO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino que aos poucos vem ganhando espaço na realidade educacional brasileira, haja vista que não era dada a devida importância a esta modalidade que tanto tem valor para a sociedade, visto que ela atende pessoas que não tiveram oportunidade de estudar na idade dita apropriada. Este trabalho monográfico evidencia o uso dos gêneros textuais no processo de aprendizagem da leitura e escrita dos educandos do 6º e 7º ano do Ensino Fundamental no segundo segmento da Educação de Jovens e Adultos(EJA) em uma escola municipal de Parintins. O objetivo deste estudo é compreender de que forma os gêneros textuais podem contribuir para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita de jovens e adultos .Refletir como é o processo de ensino e aprendizagem de gêneros textuais no segundo segmento da educação de Jovens e Adultos (EJA).No percurso metodológico utilizou-se a abordagem qualitativa, ancorada pelo enfoque dialético, teve como técnicas para a coleta de dados o levantamento bibliográfico, observação participante, questionário e oficina: gênero textual convite. Embasou-se em Gadotti((2012), Soek(2009), Pinto(200), Ghedin(2008), dentre outros importantes autores que discutem sobre a EJA. Sobre gêneros textuais embasou-se em Marcuschi (apud Dionísio, Machado, Bezerra,2010), Antunes (2003, 2009), Barbosa(1994), Lakatos(2010), dentre outros. Dessa forma, os resultados são de que o trabalho com os gêneros textuais, disseminado pela educadora são motivadores, estimulam e dão incentivo para o desenvolvimento das habilidades da leitura e escrita de seus educandos.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos. Gêneros Textuais. Leitura. Escrita.

ABSTRACT

The Education of Young People and Adults (EJA) is a teaching modality that the few are gaining importance in the Brazilian educational reality, has not been given importance to this modality that is important for society, since it is one of the people who did not have opportunity to study at the appropriate age. This monographic work evidences the use of didactic texts in the reading and writing learning process of 6th grade students in the second segment of Youth and Adult Education (EJA) in a municipal school in Parintins. The objective of this study is to understand the text in the second thread of the education of young people and adults.). In the methodological course using a qualitative approach, anchored by the dialectical approach, the techniques of data collection included the bibliographic survey, participant observation, questionnaire and workshop: textual genre invitation. He was based in Gadotti (2012), Soek (2009), Pinto (200), Ghedin (2008), after Dionísio, Machado, Bezerra. , 2010), Antunes (2003, 2009), Barbosa (1994), Lakatos (2010), among others. Reading and writing classes of its students.

Key words: Youth and Adult Education. Textual genres. Reading Writing.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPITULO I – REFERENCIAL TEÓRICO.....	12
1.1. Breve contexto da Educação de Jovens e Adultos.....	12
1.1.1 Andragogia a Arte de Ensinar o Adulto e o Educador (EJA).....	16
1.2. Leitura e escrita: Fundamentos e conceitos.....	22
1.3. Gêneros textuais: Texto, Língua, Tipos Textuais.....	26
1.4. Gêneros textuais e o ensino de Língua Portuguesa.....	31
CAPITULO II – PERCURSO METODOLÓGICO.....	38
CAPITULO III – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	42
3.1. Conhecendo o Espaço da Pesquisa.....	42
3.2. Narrativas sobre as observações em sala de aula.....	44
3.3. Gêneros textuais: prática docente.....	48
3.4. Análise do questionário dirigido á educadora.....	51
3.5. Análise do questionário dirigido aos educandos.....	54
3.6. Análise da oficina: Gênero textual convite.....	64
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68
REFERÊNCIAS.....	70
APÊNDICE.....	72

INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino que aos poucos vem ganhando espaço na realidade educacional brasileira, haja vista que não era dada a devida importância a esta modalidade que tanto tem valor para sociedade; visto que ela atende pessoas que não tiveram oportunidade de estudar na idade dita apropriada. O mercado de trabalho se tornou mais exigente, a vida em sociedade tornou-se mais competitiva, e com intuito de buscar melhores condições de vida, esses jovens e adultos retornam à sala de aula em busca de prosseguirem seus estudos e ressignificar sua formação.

O estudo desta pesquisa tem como **objetivos**: compreender de que forma os gêneros textuais podem contribuir para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita de jovens e adultos de uma escola municipal de Parintins; refletir como é o processo de ensino e aprendizagem de gêneros textuais no segundo segmento da educação de Jovens e Adultos (EJA).

A pesquisa está dividida em três capítulos, divididos em sub tópicos; no capítulo I, encontra-se o arcabouço teórico, apresentação do breve contexto da Educação de Jovens e Adultos; Leitura e escrita: Fundamentos e conceitos; os gêneros textuais: Língua, texto, tipos textuais; Gêneros textuais e o ensino de Língua Portuguesa.

Como embasamento teórico utilizou-se, Gadotti (2012), Soek (2009), Pinto (2000), Ghedin (2008), dentre outros importantes autores que discutem sobre a EJA. Sobre os gêneros textuais embasou-se em Marcuschi (apud Dionisio, Machado, Bezerra, 2010), Antunes (2003, 2009), Barbosa (1994), dentre outros. Na metodologia, Lakatos (2010), Gil (2010), Flick (2009), Fonseca (2008) e Chizzotti (2003).

No capítulo II, encontra-se o percurso metodológico, discorrendo sobre a modalidade da pesquisa, a qual é de natureza qualitativa, tendo como técnicas de pesquisa o levantamento bibliográfico referente ao tema abordado, a observação participante e questionários aplicados aos educandos e à educadora da disciplina de Língua Portuguesa.

Por fim, no capítulo III, consta a descrição e análise dos resultados a partir das observações em sala de aula, questionários e a realização de uma oficina com o gênero textual convite.

Portanto, pode-se dizer que a pesquisa é de grande relevância e lançamos um olhar mais flexivo em relação à modalidade EJA, bem como seus sujeitos, evidenciando o desenvolvimento dos educandos no mundo letrado, estes que trazem de suas vivências diárias informações que os auxiliam a relacionar, conversar, trocar informações com outro em sala de aula. Dessa forma, os resultados são de que o trabalho com os gêneros textuais, disseminado pela educadora de Língua Portuguesa são motivadores, estimulam e dão incentivo para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita desses jovens e adultos.

CAPITULO I – REFERENCIAL TEÓRICO

1.1. Breve contexto da educação de jovens e adultos

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) existe desde o tempo do Brasil Colônia, uma modalidade da Educação Básica, que não era dita importante e passou despercebida por algum tempo, reconhecida como direito público subjetivo na etapa do Ensino Fundamental, caracterizada como uma proposta pedagógica flexível, que leva em consideração a experiência de vida dos jovens e adultos ligadas às vivências de cada um em particular e coletivas.

A EJA recebe uma demanda de educando que não tiveram acesso ou oportunidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade adequada, ou pessoas que por algum motivo tiveram que desistir do estudo, pessoas que possuem trajetória de vida de exclusão e perdas, bem como de pessoas que já tem uma instrução escolar e anseiam pela ampliação de seus conhecimentos. Como discorre Gadotti (2012, p. 38). “Os jovens e adultos trabalhadores lutam para superar suas condições precárias de vida (moradia, saúde, alimentação, transporte, emprego etc.) que estão na raiz do problema analfabetismo. [...]”. A educação é um direito de todos, visa ao desenvolvimento do indivíduo e tem seu direito legal como está na Constituição Federal de 2012 no seu artigo 205 que assegura:

Art.205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (p.121)

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) tem a finalidade de alfabetizar jovens e adultos para que estes tenham uma visão crítica na construção do procedimento de conscientização e não de um ser dominado, tem um papel fundamental na socialização dos educandos, agregando valores que os levem a sua emancipação. O papel do Estado é de viabilizar e estimular o acesso e a permanência dos jovens e adultos na escola mediante ações que contribuem para que isto ocorra. Está prescrito na Constituição Federal de 1988 que:

Art. 208. O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: I-educação básica obrigatória e gratuita dos 4(quatro) aos

17(dezessete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela tiveram acesso na idade própria; (p.122)

E muitas vezes esses jovens e adultos nem sabem do direito à educação que garante a Constituição. De acordo com Soek (2009, p.22) “[...] muitos desses alfabetizando desconhecem o direito constitucional que assegura o acesso à escolarização formal e gratuita para todo e qualquer cidadão em idade escolar e também aqueles em distorção “idade/série”.

A trajetória da educação no Brasil teve início com o sistema de catequese dos indígenas. Quando os padres jesuítas chegaram ao Brasil houve o processo de colonização, e estes padres buscaram catequizar os índios que existiam na região; instruíam os nativos adultos e adolescentes com o ensino religioso. Ghedin (2008) diz sobre o procedimento educativo no Brasil para os Jovens e Adultos que:

O procedimento educativo no Brasil para os Jovens e Adultos surgiu com a chegada dos jesuítas no período da colonização, almejando incumbir os valores da sociedade portuguesa, como: a difusão do evangelho, a normalização do comportamento, ensino das ocupações aos indígenas, posteriormente, aos escravos. (p. 164)

Percebe-se que os jesuítas queriam impor aos nativos o modo de vida da sociedade portuguesa, almejavam que os índios largassem os seus costumes, suas crenças, seus comportamentos. Os ensinavam a ler e escrever, mas isso com intuito de propagar o catolicismo aos indígenas, para que eles pudessem ler o catecismo e mais tarde seguir as ordens que eram impostas; como também tinham que realizar as tarefas que lhes eram determinadas.

No entanto, essa prática dos jesuítas demonstra uma interferência dos estrangeiros na educação no Brasil, visto que as intenções do capital estavam presentes nas questões educacionais no país. A economia do Brasil colônia era simples, agrária e escravista, sendo assim, não havia muita preocupação com a escolarização da sociedade.

A partir do desenvolvimento da indústria que os sujeitos da educação de jovens e adultos procuravam o estudo como forma de se inserirem no mundo da produção industrial, e passam a lutar para que o Estado ofereça educação de qualidade visando à preparação ao mercado de trabalho no qual estava sendo oferecido naquela época. De

acordo com Soek (2009, p.8). “A revolução de 1930 deu início ao processo de reformulação da função do setor público no Brasil e a sociedade brasileira passou por grandes transformações decorrentes do processo de industrialização”.

Nesse período houve várias pressões dos educadores e da população para que se fizessem mais escolas e melhorias na qualidade da educação sendo assim essas iniciativas realizadas para a Educação de Jovens e Adultos era para educar a população analfabeta da época, pois o índice de analfabetismo no Brasil era elevado. Nos anos de 1958 e 1964 foi um período marcante para a EJA em que surgiram as práticas da Educação Popular que buscavam a conscientização das camadas populares por intermédio da instrução.

Esses movimentos voltados para a Educação Popular procuravam as transformações sociais, econômicas e políticas, almejavam a uma sociedade mais crítica, justa e humana. Freire (2003) discorre que:

Entendo a Educação Popular como esforço de mobilização, organização e capacitação das classes populares científica e técnica. Entendo que esse esforço não se esquece, que é preciso poder, ou seja, é preciso transformar essa organização do poder burguês que está aí, para que se possa fazer escola de outro jeito. Em uma primeira definição eu aprendo desse jeito. Há uma estreita relação entre escola e vida política. (p. 19)

Nessa perspectiva é preciso que o esforço seja das diferentes organizações sociais. A originalidade da teoria de Paulo Freire não está somente no efeito produzido pela sua prática de alfabetização, mas também na mudança e inovação trazida pelo seu conteúdo que era voltado para a conscientização da população para uma sociedade mais justa.

Pode-se perceber que a Educação de Jovens e Adultos passou por diversas fases; no que tange às políticas públicas teve várias discontinuidades voltadas para essa modalidade de ensino. Ghedin (2008) ressalta que:

Apesar disso, a Educação de Jovens e Adultos, ontem como hoje, constitui-se como alternativa para o resgate da cidadania para milhares de brasileiros individuais e sociais, principalmente no direito à educação, ficando excluídos desse processo de aprendizagem e aperfeiçoamento por meio do qual os indivíduos obtêm o desenvolvimento pessoal e social, aprendem a utilizar, do modo mais conveniente, sua inteligência e sua memória, torna possível a ligação entre razão e o sentimento, oportunizando o aperfeiçoamento espiritual do ser, tornando-os iguais dentre os iguais ou, em outras palavras, cidadãos plenos.(p. 253).

Compreende-se que o resgate da cidadania pode ser tanto ontem como hoje aos Jovens e Adultos, pois muitas vezes são excluídos de seus direitos sócios e até mesmo individuais. Anos de luta das campanhas, movimentos e reivindicações fez com que a Educação de Jovens e Adultos ganhasse aos poucos o reconhecimento desde as décadas de 30 até os dias atuais, através dos movimentos e campanhas realizadas nesse período histórico.

Porém, com todos esses avanços ocorridos no país referente à Educação; no Brasil não teve uma preparação de políticas públicas que de fato fossem parar a modalidade. Foram criadas apenas campanhas de curta duração, deixando assim o Estado com um débito com a modalidade de ensino. Segundo Demo (2006) o Estado não teme um pobre com fome e sim um pobre que sabe pensar. Muitos indivíduos que buscam uma qualificação profissional por meio da educação, não têm a devida atenção, interesse, investimentos financeiros pelo governo, o qual deixa um espaço entre a sociedade e o Estado relacionado à questão educacional.

A educação é um princípio básico para o exercício da cidadania que segundo a Lei de Diretrizes e bases da Educação Nacional- LDB- nº 9.394/96, capítulo III, seção V, artigo. 37, 38 os quais afirmam os direitos dos Jovens e Adultos.

Art. 37 - A educação de jovens e adultos será destinada aqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

§1º - Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.

§2º - O Poder Público viabilizara e estimulara o acesso e permanência do trabalhador na escola mediante ações integradas e complementares entre si.

Art. 38 - Os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular.

§1º - Os exames a que se refere este artigo realizar-se-ão:

I - No nível de conclusão do ensino fundamental, para os maiores de quinze anos;

II - No nível de conclusão do ensino médio, para os maiores de dezoito anos;

§2 - Os conhecimentos e habilidades adquiridos pelos educandos por meios informais serão aferidos e reconhecidos mediante exames.

A finalidade da proposta da LDB está relacionada com o bom desenvolvimento pessoal do aluno, organizando para ser cidadãos plenos na sociedade, prepará-los para progredir no estudo, no trabalho e garantindo oportunidades educacionais apropriadas considerando as condições de vida, interesses e trabalho de cada educando. Percebe-se que trata da educação de jovens e adultos como modalidade da educação básica e regulamentando sua oferta a todos que não tiveram acesso ou aqueles que desistiram do estudo por algum motivo e não conseguiram concluir o ensino fundamental e médio Soek (2009) afirma sobre a modalidade que:

A EJA como modalidade da educação básica, definida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96, não pode ser pensada como oferta menor, nem pior, nem menos importante, mas sim como uma modalidade educativa, um modo próprio de conceber a educação básica, modo esse determinado pelas especificidades dos sujeitos envolvidos. (p.21)

Sendo assim a Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino educativa nem pior nem melhor, a qual ajuda estes sujeitos a lidar com o mundo em constante transformação. Estes atores precisam acompanhar as mudanças sociais, econômicas, culturais e políticas que ocorrem no país e no mundo, como condição para exercerem a cidadania adquirindo e complementando diferentes conhecimentos

1.1.1 Andragogia a arte de ensinar o adulto e o educador da (EJA)

Quando criança não temos autonomia para decidirmos sobre nossos atos, não temos ainda a maturidade de resolvermos ou questionar a respeito de determinado assunto e de certa forma aceita-se tudo que é dito como verdade absoluta vinda de nossos pais juntamente com os professores da escola que são responsáveis pela educação e aprendizagem.

Assim como adultos temos a autonomia para decidirmos, aceitar ou não, questionar, não aceitando tudo como verdade; sente-se capaz de tomar suas próprias decisões (auto administrar-se). Cabe ao adulto a direção ao trabalho. O pensamento com relação ao estudo tende a mudar em alguns aspectos e ser aprimorado em outros. Há experiências de vida numerosas e mais diversificadas que as crianças. Segundo Pinto (2000):

O adulto é o membro da sociedade ao qual cabe a produção social, a direção da sociedade e a reprodução da espécie. Existencialmente, o adulto é o homem na fase mais rica de sua existência, mais plena de possibilidades. Por isso, é o ser humano no qual melhor se verifica seu caráter de trabalhador. O trabalho expressa e define a essência do homem em todas as fases de sua vida

(da infância a velhice), mais é no período adulto que melhor se compreende seu significado como fator constitutivo da natureza humana. (p.79)

Sendo assim a educação de jovens e adultos requer outros olhares, específicos para cada educando que ali trazem consigo experiências de vida, aprendizado, exclusão e diferentes conceitos a respeito do mundo no qual estão inclusos. De acordo com Schwartz (2012, p.63) “Diagnosticar o conhecimento prévio dos aprendizes é uma das condições necessárias para a eficiência dos processos de ensino e de aprendizagem [...].” Para tanto, é necessário que o educador busque alternativas de ensino diferenciado, procure conhecimento a respeito da conjuntura andragógica.

O termo andragogia segundo Coelho(2012), surgiu primeiro em 1833 com o professor alemão Alexander Kapp, para descrever informações da Teoria de Educação de Platão. Posteriormente em 1921 por Rosenstock para constituir um conjunto de métodos, filosofias e professores para trabalhar com a educação de jovens e adultos. Na década de 1970 o termo foi utilizado para instituir a ciência de educação de adultos nos países como a França, Iugoslávia e Holanda. Em 1973 nos Estados Unidos da América, o professor alemão Malcolm Knowles foi o que mais se dedicou a estudar o assunto referente a Andragogia, que definia a Andragogia como a arte ou ciência de orientar adultos a aprender. É uma palavra de origem grega que: *andros*=homem, *agein*=conduzir e *logos*=tratado.

A Andragogia é o “ensino para adultos” um caminho educacional que busca compreendê-los desde todos seus componentes; gerando aprendizado através da experiência que o adulto traz, fazendo com que a vivência estimule e transforme o conteúdo, impulsionando a assimilação. Se diferencia da Pedagogia no qual do grego *paidos*-criança e *agogos*- educar, a pedagogia é o ensino de crianças. No entanto, ambas são artes de se educar o ser humano em qualquer fase de sua vida, sendo quando criança, jovem ou adultos.

O modelo andragógico baseia-se nos seguintes princípios, como afirma Coelho (2012): na autonomia, experiência, prontidão para a aprendizagem, aplicação da aprendizagem e motivação. Esses princípios são importantes na modalidade de ensino visando ao ser adulto como construtor de sua própria autonomia. O termo andragógico surgiu para dar um novo olhar para o adulto, que busca na educação escolar

possibilidades para uma nova direção na sua vida e encontram-se sempre dispostos a aprender. Assim, estabelecendo vínculo com realidades do seu dia a dia a aprendizagem fica mais significativa para eles, pois suas experiências de vida são básicas para o aprendizado.

O educando aprende melhor quando percebe a importância do conhecimento adquirido, e como este o ajudará nos seus problemas ou nas tarefas que ocorrem no cotidiano. Schwartz(2012) fala que:

A educação de jovens e adultos, por isso, deve ser orientada no sentido de despertar no aluno a consciência da importância de alfabetizar-se, de instruir-se. E essa necessidade será despertada também a partir da compreensão crítica da sua realidade e da sociedade em que está inserido. Por isso, precisa partir dos elementos que compõem a realidade do alfabetizando, seu mundo do trabalho, suas relações sociais, suas crenças, seus valores. (p.74)

O educador da modalidade de ensino(EJA) precisa ter metodologias de ensino voltadas especificamente para estes Jovens e Adultos que estão na sala de aula buscando conhecimento, aprendizado, perspectivas, aumento na autoestima, almejam melhorias na qualidade de vida por meio do estudo; este que não quer ser tratado como uma criança, pois já tem uma história de vida.

O aluno adulto não pode ser tratado como criança, pois diferente da criança este já tem uma história de vida. Ao educador carece, despertar o pensamento crítico e reflexivo a respeito de assuntos que lhes são pertinentes, instigando a autonomia e responsabilidade para que possam sentir com autoestima elevada, com uma perspectiva de futuro melhor, garantindo que eles se sintam seguros e não envergonhados na sociedade. Schwartz (2012) afirma:

[...] os alunos de EJA em função de fracassos anteriores possuem, muitas vezes, uma baixa autoestima; portanto precisam ser motivados, e o educador deverá buscar diferentes maneiras de promover e despertar o interesse e entusiasmo e acima de tudo mostrar a esses alunos que é possível aprender. (p.13)

Os jovens e adultos precisam ser motivados pelo educador, ao depararem com as mudanças que ocorrem no mundo e isso afeta a sua vida de forma que o ser adulto tenha que buscar alternativas para que se adapte a tais mudanças. Este busca na escola essa alternativa, pois conhecem que através dela poderão adquirir os instrumentos

necessários para lutar contra a desigualdade social e melhorias para a sua vida na sociedade. Soares(2001) pondera que:

O que a escola comprometida com a luta contra as desigualdades pode fazer é vitalizar e direcionar adequadamente as forças progressistas nela presente e garantir as classes populares a aquisição dos conhecimentos e habilidades que as instrumentalizem para a participação no processo de transformação social. (p.73)

A autora afirma que cabe à escola o dever de garantir as classes populares a aquisição do conhecimento. É um dos espaços em que os educandos desenvolvem a capacidade de pensar, aprende a ler e escrever, interpretar, questionar sobre determinado assunto, e reinventar o seu mundo, por meio da atividade reflexiva.

Visto que desde quando nascemos já estamos inseridos em um mundo letrado, social e cultural, a atuação da escola será de mediação entre o educando e os saberes adquiridos, de forma que ele assimile conhecimentos como formas de solução e transformação da sua realidade. Como discorre Soek (2009, p.30): “O desenvolvimento do raciocínio crítico a partir do trabalho com conhecimentos científicos e do acesso ao mundo letrado é um dos grandes trabalhos da escola [...]”

A ação de educar é uma prática social a partir da qual surgiu a escola como redentora de conhecimentos por meio de seus docentes que desempenham condições de desenvolvimento nas diversas áreas, contribuindo para o desenvolvimento intelectual dos seus educandos, permitindo assim que aprendam e despertem o interesse para adquirir novos conhecimentos. De acordo com Soek (2009, p.34). “O trabalho do educador deve ser, por meio de conteúdo, desenvolver as funções psicológicas superiores dos educandos. É nesse sentido que a escola tem o papel de trabalhar com o conhecimento científico e artístico de forma intencional e sistematizada. ”

O educando analfabeto ou que tem dificuldade na leitura e escrita mediante a estas transformações que ocorrem no mundo, tende a sentir-se fracassado por não saber lidar com essa situação. Antunes (2009) discorre que:

Basta pensar em todas as oportunidades quais o “não leitores” são excluídos: o analfabeto pleno, o analfabeto funcional, isto é, o alfabetizado afastado da prática da leitura. Todos esses “não leitores” são preferencialmente, candidatos a estarem, de maneira mais ou menos profunda, “imersos” no mundo, de cabeça encoberta, sem “olhos” para ver determinados tipos de objetos(p.193).

Nos dias de hoje é imprescindível saber ler e escrever, visto que aquisição da leitura e escrita é necessária para todos, o medo do desconhecido, de pegar um livro, um poema e não saber o que está escrito, isso não parece ser fácil e confortante para o jovem e adultos. Aprender a ler e escrever pode parecer óbvio para o educador, mas para o adulto com dificuldade de aprendizagem não será fácil. Schwartz (2012) garante que:

Geralmente, os educadores acreditam que o significado/necessidade da aprendizagem da leitura e da escrita é óbvio, mas não é, pois o óbvio não é o mesmo para todas os educandos, uma vez que também ele é dependente dos conhecimentos prévios e experiências anteriores. Além disso, o medo do desconhecido, no caso, do aprender a ler e escrever, é inerente a qualquer situação, mesmo nas que parecem ser obviamente vantajosas. (p.64).

Nesse contexto, a leitura e escrita não é muito simples para os educandos, visto que alguns tendem a ter dificuldade na aprendizagem. O educador como facilitador de conhecimentos, deve conhecer o meio em que vive seu educando, o saber técnico (erudito) e o saber popular, respeitando as condições culturais de cada indivíduo.

Um educador do próprio meio social seria bom para Educar os jovens e adultos, mais isso nem sempre é possível, pois deve formar educadores também de outras áreas sociais, que no mínimo precisam respeitar as condições de cada educando, mostrando a importância do assunto que está sendo ensinado; mas também não somente instruir conteúdos didático e sim despertar a curiosidade, a criticidade, questionar e refletir sobre acontecimentos que estão ocorrendo ou que ocorreu na sua cidade, no país e no mundo. Sobre isso Pinto (2000) destaca que:

O que compete ao educador é praticar um método crítico de educação de adultos que dê ao aluno a oportunidade de alcançar a consciência crítica instruída de si e de seu mundo. Nestas condições ele descobrirá as causas de seu atraso cultural e material e as exprimirá segundo o grau de consciência máxima possível em sua situação. (p.84)

A ação do educador é encaminhar o educando para criar por si mesmo a consciência crítica, para que descubra as causas que decorrem em sua vida. Como pondera Gadotti (2012, p.47). “alfabetizador não alfabetiza o aluno. Ele é o mediador entre o aprendiz e a escrita, entre o sujeito e o objeto deste processo de apropriação do conhecimento.”

Haja vista que é essencial que o educador da EJA fique em constante formação, buscando avanços referentes aos métodos de ensino aprendizagem, realizar pesquisas no seu meio de trabalho para melhorias na sua prática de ensino, cabendo ao mesmo evidenciar possíveis mudanças na vida do educando, ajudando-o no aprendizado por meio de uma relação entre ciência, trabalho, conhecimento, experiências de vida e cultural também. Pois afirma Soek (2009).

O trabalho do educador deve levar o adulto para além da prática, refletindo sobre o processo que a constitui e sobre as relações envolvidas no estabelecimento de sua realidade. Esta tarefa requer constante aprendizado da parte do educador, não só com a atualização por meio de leituras, mais com a reflexão sobre a sua prática, realizando pesquisas no espaço em que atua. (p.35)

Nesse aspecto o educador deve buscar sempre a melhoria na sua prática de ensino com relação a educação de jovens e adultos. Ter também um olhar para além da sala de aula é importante ao educador de EJA, o ser humano vive em sociedade no qual a sua vida de trabalho, ou o cuidar da família, a vida corrida do dia a dia muitas das vezes, por falta de tempo, de oportunidades eles não olham à sua volta para descobrir outras fontes de conhecimentos e experiências, nos quais mostram um bom aprendizado.

Uma aula de produção de textos realizada pelo educador, proporcionando a eles mesmos produzir um poema, uma carta, bilhete, ou um aviso, aumenta as possibilidades de aprendizagem da leitura e escrita, melhora a autoestima do educando e sua capacidade de trabalhar em grupo de relacionar com seus colegas, estimulando a perderem o medo, a timidez que muitos demonstram ter em sala de aula. Como discorre Antunes (2009):

Incluir a escola é incluir prioritariamente a figura do professor, aquele que, concretamente, dá visibilidade ao ato de ler: Aquele que apresenta o livro, que expõe e lê o texto, analisa-o, fala sobre ele, traz notícias sobre os autores, sobre novas publicações; enfim, aquele que transita pelo mundo das páginas. É o mediador, entre o aluno leitor e o autor do livro. [...].(p.202)

Nessa perspectiva o educador que viabiliza ao ato de ler por meio do texto de um livro e mostra notícias relevantes ao aprendizado. Para tanto, torna-se necessário que o educador tenha conhecimento a respeito da andragogia, para estar preparado para receber aos diversos níveis de dificuldades e conhecimentos que surgirem perante seu

trabalho nesta modalidade; visto que os educandos de EJA são sujeito pensantes, com cultura e conceitos formados, têm perspectivas, anseios e buscam sempre algo melhor na vida. Assim o educador é um agente norteador, um facilitador do conhecimento.

1.2. Leitura e escrita: fundamentos e conceitos

A aprendizagem da leitura e da escrita acontece lentamente no decorrer do nosso crescimento; quando nascemos já nos deparamos com um legado de imagens, sons, símbolos, sinas, todo tipo de comunicação verbal e não verbal que temos em meio a sociedade.

A leitura e escrita são uma atividade muito importante para uma boa formação estudantil de todo ser humano; a criança é encaminhada à escola, e já leva consigo o que aprendeu em casa, no convívio familiar. Antunes diz que (2009, p.188): “Sabemos que, anteriores a experiência escolar, estão as situações de convívio com materiais escritos, vividas no ambiente familiar. Na verdade, é aí que tudo começa. O que vem depois é só acréscimo (ou conserto)”. De início na escola, aprendemos conceitos, valores, comportamentos, coordenação motora fina e grossa, tudo para dar início a sua longa caminhada escolar.

Desde o mundo antigo o homem já tentava se comunicar com outro por meio de gestos, expressões e fala. Para Barbosa (1994, p. 34) “A escrita, contudo, vai surgir pela primeira vez no mundo antigo, num momento histórico caracterizado pelo desenvolvimento simultâneo de uma série de elementos diversos, a que chamamos civilização.”. Sendo assim a civilização não vive sem a escrita, que surgiu acompanhada de diversos segmentos que compõe uma sociedade, bem como do desenvolvimento do comércio, das artes, da agricultura. Soares (2006) afirma sobre a escrita que:

A escrita engloba desde a habilidade de transcrever a fala, via ditado, até as habilidades cognitivas e metacognitivas; inclui a habilidade motora (caligrafia), a ortografia, o uso adequado de pontuação, a habilidade de selecionar informações sobre um determinado assunto e de caracterizar o público desejado como leitor, a habilidade de estabelecer metas para a escrita e decidir qual a melhor forma de desenvolvê-las, a habilidade de organizar ideias em um texto escrito. (p.70).

De tal modo escrever é também um conjunto de habilidades que nos remete a organizar ideias referente ao que será escrito. É por meio de registros escritos que se reconstroem a história de vida de um povo de uma época. A escrita não é somente pequenos desenhos no papel, é um meio de comunicação que intervém na forma de relacionar do homem no mundo. Para Barbosa (1994):

O homem, através dos tempos, vem buscando comunicar-se com gestos, expressões e com a fala. A escrita tem origem no momento em que o homem aprende a comunicar seus pensamentos e sentimentos por meio de signos. Signos que sejam compreensíveis por outros homens que possuem ideias sobre como funciona esse sistema de comunicação.” (p.34)

Quando o homem aprende a se comunicar por meio de signos, da pintura com desenhos em objetos, como também por gestos com o outro, sons e símbolos escritos, expressando suas ideias e organizando o pensamento em língua escrita, é que surge a escrita como sistema de comunicação. Ela está presente em diversas atividades a que o ser humano se dispõe a realizar no seu cotidiano. A escrita é facilmente ligada ao ambiente escolar; e talvez por esta razão uma grande quantidade dos educandos acreditam que ela é ensejo de melhorias na qualidade de vida.

A escrita é uma atividade que já vem da Antiguidade e com ela está atrelada a leitura. No entanto, o conhecimento próprio à leitura era transmitido através da oralidade. De acordo com Barbosa (1994, p. 97): “[...]. Nessas leituras públicas, realizadas pelo autor ou por um profissional da leitura, o público tomava contato com as obras produzidas. A leitura em voz alta era a forma pela qual leitores e não-leitores se encontravam, para reconstituir o sentido do texto”. A oralidade pode ser fruto da escrita, entretanto a escrita não é uma ação espontânea do ser humano ela requer cuidado e atenção, enquanto que a fala se dá de maneira natural. Não existe um grau de categoria entre a oralidade e escrita. Há momentos em que a escrita se fará mais importante, enquanto que em outros a oralidade será necessária; as duas são imprescindíveis para o bom desempenho do educando.

Na antiguidade, a sociedade de certa forma ouvia mais do que falava, pois o conhecimento era transmitido basicamente de forma oral. Nessa época segundo Barbosa (1994):

Os mais antigos textos da humanidade foram escritos nos *volumens*, forma mais antiga de conservação do pensamento. No volumen, um rolo de papiro,

o texto era escrito em estreitas colunas, sem espaço em branco entre as palavras. [...]. Desse modo, o *volumen* permitia apenas a leitura sucessiva e linear de trechos isolados da obra, impedindo a antecipação e dificultando as anotações e retornos próprios do ato de ler. (P.97).

Constituindo assim o *volumens* não era muito bom para o aprendizado, visto que não dava para fazer anotações referente ao texto, além de ser raro e encarecia a produção da escrita. Já na Idade média o *volumen* foi substituído pelo *códice* ou *pergaminho*, no qual possibilitava uma impressão mais prática, e era com formato de livro, usando as duas partes da folha. Como discorre Barbosa (1994, p.99). “Na Antiguidade e na Idade Média, concebia-se a leitura e a escrita como um ato realizado em voz alta, através da subvocalização, ou até mesmo da vocalização da escrita. Era inconcebível ler sem apelar para o som da escrita.”

A leitura é importante para a aprendizagem do ser humano, pois é através dela que podemos enriquecer e acrescentar nosso vocabulário; obter mais conhecimento; dinamizar o raciocínio e a interpretação. Assim para Soares (2006, p. 69): “As habilidades de leitura estendem-se da habilidade de decodificar palavras escritas a capacidade de integrar informações provenientes de diferentes textos”. Ajuda o jovem e adultos a desenvolver familiaridade com a escrita, facilita a alfabetização, a entender melhor um texto, uma carta, um bilhete, um poema, auxilia vincular a grafia correta das palavras. Barbosa (1994) argumenta que:

Ler é sempre atribuir significados a um texto escrito. Esta atribuição de significados depende do que o leitor já conhece sobre o assunto, das informações não –visuais de que dispõe, do seu interesse e das questões que se coloca. A informação, como a compressão, é relativa. Informação e compreensão estão ligadas ao indivíduo, a sua estrutura cognitiva e dependem tanto do que se conhece quanto do que se procura saber. (p.118)

Cada leitura feita relaciona-se na mente a outras experiências reais pré-existentes, estabelecendo as condições para a atribuição de sentido a tudo que nos cerca. É importante desenvolver nas crianças, jovens e adultos a importância da leitura na sua vida, visto que ao armazenarmos conhecimentos em nossa memória, que poderão ter um significado muito importante no nosso futuro, servindo como base para uma vida mais próspera, com mais facilidade para desenvolver as habilidades de leitura e escrita. Só a prática da leitura desperta o interesse e desenvolve a interação entre texto e leitor, ou seja, possibilita a habilidade de compreensão. Soares (2006) profere sobre a leitura que:

A leitura entende-se da habilidade de traduzir em sons silabas sem sentido a habilidades cognitivas metacognitivas; inclui, dentre outras: a habilidade de decodificar símbolos escritos; a habilidade de captar significados; a capacidade de interpretar sequencias de ideias ou eventos, analogias, comparações, linguagem figurada, relações complexas, anáforas; habilidade de fazer previsões iniciais sobre o sentido do texto, de construir significado combinando conhecimentos prévios e informação textual, de refletir sobre o significado do que foi lido, tirando conclusões e fazendo julgamentos sobre o conteúdo.(p.69)

Realizamos uma leitura a partir do nosso diálogo com o objeto lido, seja escrito, sonoro, um gesto, uma imagem, um acontecimento, tudo que nos rodeia de certa forma remete à leitura e interpretação. Esse diálogo é referenciado por um tempo, espaço, uma situação; desenvolvido de acordo com os desafios e as respostas que vamos ter do objeto lido, e conforme a interpretação que o leitor terá é individual e única dele mesmo.

O tempo que o leitor leva para realizar uma leitura depende do seu ritmo, desejos e anseios. No dicionário Aurélio, a palavra “Leitura” (do latim medieval – *lectura*) significa ato ou efeito de ler; também é a arte de decifrar um texto segundo o autor.

A leitura faz parte do cotidiano do ser humano numa sociedade, lê-se para ampliar os limites do próprio conhecimento, para obter informações simples e complexas, para buscar diversão e descontração, para facilitar a vida diária, pois tudo remete a lermos sobre algo que está no nosso convívio, nesse prisma a leitura e escrita foi historicamente dividida em três períodos; como pondera Barbosa (1994):

Podemos dividir a história do ensino da leitura e escrita em três períodos principais: O primeiro que vai da Antiguidade até meados do século XVIII é marcado pelo uso exclusivo do método sintético. O segundo, a partir do século XVII, em que tem início um processo de oposição teórica ao método sintético pelos precursores do chamado método global, oposição está que se efetivara no início do século. O atual, em que, ultrapassando a batalha entre os defensores do método sintético e defensores do método analítico, questiona-se aquilo que é fundamental desses dois métodos[...].’ (p.45)

Nesse aspecto a história do ensino da leitura e escrita foi dividida em três períodos no qual um tentando decair o outro conforme seus métodos de ensino e aprendizagem da época.

Quando discorremos em leitura não podemos limitar apenas a livros, a textos escritos em geral, mas também a leitura de mundo que cada jovem e adulto traz consigo;

visto que contamos com pessoas que têm dificuldade em ler e escrever, que necessitam fazer parte dessa sociedade cheia de conflitos e preconceitos. Não que antigamente não estava presente, mais que hoje as atividades do cotidiano são realizadas pelo ser humano mais aceleradas. Barbosa (1994) pondera sobre a escrita:

É importante notar que, mesmo num mundo onde grande parte da comunicação se faz através do rádio e da televisão, a escrita encontra seu lugar e papel dentro da circulação de ideias. A escrita respeita sempre a liberdade do leitor, o seu interesse pela informação. Tem vantagem do livre arbítrio e do exercício do espírito crítico, porque permite verificação e confrontação. Podemos dizer que a fala e a imagem se opõem, enquanto a escrita se propõe. (p. 116).

Na sociedade contemporânea onde, existem, rádio, televisão, computador, celulares, e-mail, uma infinidade de recurso e meios de comunicação, a escrita encontra seu papel dentro da circulação de ideias, respeitando sempre o ritmo, o tempo e interesse do leitor. Para Antunes (2009, p. 196), ‘Em suma, a leitura, na sua perspectiva informativa, exerce o grande papel de favorecer a ampliação e aprofundamento de nossos conhecimentos, a competência para a observação, a análise, a reflexão acerca das certezas ou das hipóteses que vamos construindo.’. A leitura e escrita estão atreladas para formar jovens e adultos conscientes, críticos, formadores de opinião, saber compreender, analisar e discutir sobre o que é certo ou errado.

1.3. Gêneros textuais: texto, língua, tipos textuais

Os gêneros textuais viabilizam ao jovem e adultos a capacidade de desenvolver com mais facilidade o processo de leitura e produção de texto, sendo que a produção textual compõe um artifício importante no desempenho escolar. Permitem ao educando uma maior compreensão de textos, transformam a leitura e escrita agradáveis. A linguagem verbal organiza na relação entre signos linguísticos, letras, palavras, frases textos.

Nessa abordagem o texto envolve recursos, estratégias que compõem a sua construção que corre em forma de linguagem perpassada por argumentos comunicativos. Desse modo, falamos ou escrevemos através de textos.

Os textos são produzidos em situações marcadas pelas leituras e assumem formas, estilos e características próprias. Pode-se dizer que a comunicação verbal só é

possível por meio de algum texto que se materializa em gêneros, e assumem formatos variados para atender diversas finalidades. Segundo Marcuschi (2010, p. 25), “[...] texto é uma entidade concreta realizada materialmente e corporificada em algum gênero textual.”

O texto, portanto, não é uma construção fixa e abstrata, é uma construção de produção de diversos sentidos, sempre tem algo a “dizer” para os educandos. Então é preciso que eles aprendam a perceber o que o texto tem a lhes dizer, e não que o educador diga para o jovem e adulto o que está oculto no texto, pois cada um possui seu estilo de interpretação.

Por meio da linguagem e suas variadas formas que o ser humano comunica-se, expressa ideias, emoções, interage com outro, processam as trocas de experiências, no qual torna mais fácil a vida em sociedade. De acordo com Saussure (1969 apud FIORIN 2012, p.14), “A linguagem é ‘heteróclita’ e ‘multifacetada’ pois abrange vários domínios; é ao mesmo tempo, física, fisiológica e psíquica; pertence ao domínio individual e social.”

A atividade da linguagem funciona como mediadora entre o sujeito e o meio social ao qual o jovem e adultos está inserido, ampliando suas práticas sociais através das atividades da linguagem em situações de comunicação. A aprendizagem da linguagem é realizada a partir da interação dos indivíduos. Visto que desde criança que iniciamos nossas primeiras atividades sociais através do uso da linguagem, e estamos expostos a diversos gêneros textuais, mesmo sem percebermos. Assim utilizamos dos gêneros para nossa interação social.

A linguagem é instituída pela língua, como pondera Saussure (1969 apud FIORIN 2012, p.14): “É um sistema de signos, um conjunto de unidades que se relacionam organizadamente dentro de um todo.” Se configura como uma forma de ação social, situada num contexto histórico, representando algo do mundo real. A língua é um sistema social, baseada em processos históricos e culturais, faz parte do processo de formação do ser humano, existe a serviço da comunicação verbal entre os indivíduos.

Portanto é um sistema repleto de funcionalidade, onde suas circunstâncias de uso que irão determinar as suas regras a serem estabelecidas. E se aplica de duas formas distintas, uma escrita e outra na oralidade, sendo que a oralidade é espontânea e livre; a

escrita está regulada em norma fixa, de certa forma a ser seguida. As duas são importantes no processo de aprendizagem dos jovens e adultos no qual fazem uso no seu dia-a-dia.

Nesse conjunto de linguagem e língua, também está atrelada a fala, que é expressão específica e particular de todo ser humano; é a identidade de cada povo. Assim segundo Saussure (1969 apud FIORIN 2012, p.14): “É um ato individual; resulta das combinações feitas pelo sujeito falante utilizando o código da língua; expressa-se pelos mecanismos psicofísicos (atos de fonação) necessário a produção dessas combinações. ”

Os gêneros textuais fazem parte do contexto cultural discursivo; e na escola com ajuda do educador, se conhece mais as utilidades e benefícios dessa categoria textual. Como discorre Marcuschi (apud DIONISIO, MACHADO, BEZERRA (2010, p. 26): “Importante é perceber que os gêneros não são entidades formais, mais sim entidades comunicativas. Gêneros são formas verbais de ação social relativamente estáveis realizadas em textos situados em comunidades de práticas sociais e em domínio discursivo específicos.”. Os jovens e adultos podem desenvolver a análise dos textos com facilidade, os quais ajudam ler e escrever; pois a produção de um texto auxilia os educandos a expor seu ponto de vista com relação ao assunto ou tema abordado.

Os gêneros textuais são vários e estão presentes no nosso cotidiano, cada um com características específicas. São utilizados toda vez que estamos inseridos em alguma situação de comunicação, mesmo que de forma inconscientemente, como por exemplo quando deixamos um bilhete na porta da geladeira, nas postagens nas redes sociais. Os gêneros textuais estão nesse bilhete, nessas postagens, trabalhando a serviço da comunicação e da linguagem. Pois de acordo com Marcuschi (apud Dionísio, Machado, Bezerra, 2010):

Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por conteúdos, propriedades funcionais, objetivos enunciativos, estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sócias, institucionais e técnicas e composição característica. Alguns exemplos de gêneros textuais seriam: telefonema, sermão, carta comercial. Carta pessoal, romance, bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva, bula de remédio, lista de compras, outdoor, resenha, edital de concurso, piada, instruções de uso, receita culinária, conferencia, aulas virtuais, conversação espontânea, carta eletrônica, bate-papo por computador e assim por diante.” (p.23).

Permanecem na nossa sociedade diariamente e cabe a nós dispormos deles, e fazermos um bom uso e entendimento. Os gêneros textuais possuem conteúdos, construções composicionais, estilos e função comunicativa. Ao educador em sala de aula, cabe utilizar os gêneros que estão disponíveis, como o livro didático que contem textos e tipos de leitura, mandar os próprios educandos fazer o bilhete, os cartazes, as revistas e jornais que dispõe em sala de aula, levando sempre em consideração o ritmo do educando. É necessário que o educando tenha conhecimento dos gêneros textuais e dos tipos textuais, e assim produzir um bom texto, uma boa redação, escrever e ler igualmente. Sobre os tipos textuais discorre Marcuschi (apud Dionísio, Machado, Bezerra, 2010):

Usamos a expressão tipo textual para designar uma espécie de sequência teoricamente definida pela natureza linguística de sua composição (aspectos léxicos, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas, estilo). O tipo caracteriza-se muito mais como sequências linguísticas (sequências retóricas) do que como textos materializados; a rigor são modos textuais. Em geral, os tipos textuais abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção. (p. 23).

Quanto aos tipos textuais observa-se que são sequências teoricamente definidas, predomina a assimilação de sequência linguísticas próprias de sua composição, categorias teóricas determinadas pela organização dos elementos lexicais sintáticos. Não são textos empíricos, têm relações lógicas presentes nos conteúdos a serem falados ou escrito pelo indivíduo. São desenvolvidas em cinco bases textuais, no qual darão origem aos tipos textuais como discorre Werlich (1973 apud Dionísio, Machado, Bezerra, 2010):

Narrativa, esse tipo textual tem um verbo de mudança no passado. Por sua referência temporal e local, com indicação de ação. Ex: “Os passageiros arriscaram em Nova York no meio da noite”. *Argumentativa*, forma verbal, com verbo no presente e um complemento, com atribuição de qualidade. Ex: “A obsessão com a durabilidade nas artes não é permanente”. *Expositiva*, Base textual com exposição sintética e analítica, um pelo processo de composição e outro pelo de decomposição, indenização de fenômenos. Ex: a- “uma parte do cérebro é o córtex.” b- “o cérebro tem 10 milhões de neurônios.” *Descritiva*, estrutura simples, com verbo no presente ou imperfeito, um complemento e uma indicação de lugar. Ex: “Sobre a mesa havia milhares de vidros.” *Injuntiva*, verbo no imperativo, indicação de ação, instrução ou uma ordem. Ex: “Pare!”. “Seja razoável” (p. 29)

Contudo, cabe ao educador apresentar tanto os gêneros textuais como também os tipos textuais aos seus educandos. Estes assuntos são importantes ser trabalhados em

sala de aula. Os gêneros textuais para um bom desempenho na leitura e escrita, e produção de textos, pois são ferramentas de leituras importantes na Educação de Jovens e Adultos, os quais vão despertar mais a atenção e interesse pelo conteúdo oferecido.

Os gêneros textuais variam no decorrer das situações, e conforme a trajetória cultural de um povo, em que assumem novas formas, valores, representações. Após a escrita alfabética surgem os gêneros; e uma vez que a tecnologia está se inovando, já surgem os gêneros textuais mais modernos como por exemplo o e-mail; como pondera Marcuschi (apud Dionísio, Machado, Bezerra, 2010):

[...]. Hoje em plena fase denominada cultura eletrônica, com o telefone, o gravador, o rádio, a tv, o particularmente o computador pessoal e sua aplicação mais notável, a internet, presenciamos uma explosão de novos gêneros e novas formas de comunicação, tanto na oralidade como na escrita. (p.20).

Na sociedade contemporânea existem esses gêneros modernos decorrentes do progresso tecnológico que contribui para o surgimento de novas formas de comunicação entre os indivíduos tanto oral como escrito. Nem todos sabem fazer uso desses mecanismos, principalmente quem tem menos acesso a eles. Mesmo com a internet e as novas tecnologias, os gêneros textuais não deixam sua essência de lado, são flexíveis e dinâmicos, são historicamente multáveis e relativamente estáveis. Pondera sobre isso Marcuschi (apud Dionísio, Machado, Bezerra,2010):

[...] caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos. Surgem emparelhados a necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação a sociedades anteriores à comunicação escrita. (p.19)

Em conseqüências das mudanças, das novas atividades sociais, os gêneros se alteram, transformam em outros novos. De acordo com Marcuschi (apud DIONISIO, MACHADO, BEZERRA (2010, p. 26): “Importante é perceber que os gêneros não são entidades formais, mais sim entidades comunicativas. Gêneros são formas verbais de ação social relativamente estáveis realizadas em textos situado em comunidades de práticas sócias e em domínio discursivo específico.”

É um meio de interação, distração e comunicação entre um e outro indivíduo no qual utilizam da carta, um bilhete, até uma piada contada na roda de amigos é um

gênero textual, embora já existe o e-mail, blog o celular pra trocas de recardo e mensagem.

Deste modo, os gêneros são produtos culturais construídos por determinada comunidade histórico-social, mudam de época para época e passam por constantes alterações. Na questão dos tipos textual, nós não nos comunicamos através de uma narração ou de uma dissertação, mas sim de uma infinidade de gêneros que estão à nossa volta e merecem ser analisados com muita dedicação.

A função do educador de Língua Portuguesa está pautada em desenvolver nos nossos educandos a competência comunicativa daqueles que utilizam da língua, ou seja, a capacidade de o indivíduo adequar o seu discurso nas diversas situações em que ele esteja inserido. E em todo evento comunicativo os gêneros textuais estão presentes; eles permeiam a interação de cada ser humano.

1.4. Gêneros textuais e ensino de Língua Portuguesa.

O ensino da leitura e escrita na escola podem ser sistematizados de forma que o educando possa se apropriar desses gêneros em sala de aula. O trabalho com os gêneros textuais pode ser uma forma de alfabetizar; sendo que a organização do trabalho com gêneros textuais em cada ano, depende dos objetivos pedagógicos, das atividades relativas ao componente curricular de Língua Portuguesa proposto e das habilidades e competências que pretende explorar o educador com seus educandos. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p. 25): “Pode-se considerar o ensino e a aprendizagem de Língua Portuguesa na escola como resultantes da articulação de três variáveis: o aluno, a língua e o ensino.”

A prática pedagógica determina a eficiência de qualquer educador. Ele proporciona ao educando atividades e condições que vão permitir a aquisição do conhecimento científico, mediado na interação das ferramentas do conhecimento.

A utilização dos gêneros textuais no ensino de Língua Portuguesa na Educação de Jovens e Adultos é uma alternativa que traz grandes benefícios em todas as habilidades para os educandos. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p. 22): “Ao professor cabe planejar, implementar e dirigir as atividades

didáticas, com o objetivo de desencadear, apoiar e orientar o esforço de ação e reflexão do aluno, procurando garantir aprendizagem efetiva.’’

Ensinar ler e escrever é uma atividade complexa, existem muitos métodos de ensino aprendizagem que o educador em sala de aula pode utilizar; instigando, dando oportunidade de expressar por meio da escrita o conhecimento prévio que o jovem e adultos acarreta. Por meio de produção de um bilhete ou um poema, vai-se despertando o interesse dos educandos pela leitura e escrita. Assim, os gêneros textuais abordam a língua em seus vários usos, é uma ferramenta útil para o aprendizado. Como discorre Marcuschi (apud Dionísio, Machado, Bezerra, 2010):

No ensino de uma maneira geral, em sala de aula de modo particular, levar os alunos a produzirem ou analisarem eventos linguísticos os mais diversos, tanto escritos como orais, e identificarem as características de gênero em cada um. É um exercício que além de instrutivo, também permite praticar a produção textual. (p. 37)

Os gêneros são um ótimo instrumento de trabalhar a leitura e produção de textos, pois é um mecanismo facilitador de diversas interpretações de tudo que nos cerca; um suporte metodológico importante para o educador ministrar uma boa aula de aprendizagem de leitura e escrita, transmitindo as técnicas de leitura acerca das diversidades dos gêneros tanto orais como escritos.

O ensino de Língua Portuguesa basicamente se volta para o uso da gramática normativa, constituindo um conjunto de regras normativas a serem estudadas para poder escrever bem. Como discorre Bezerra (apud Dionísio, Machado, 2010.):

O ensino de Língua Portuguesa no Brasil se volta para a exploração da gramática normativa, em sua perspectiva prescritiva (regras a ser seguido, tipo concordância verbal e nominal) e também analítica (as partes que compõe um todo, com suas respectivas funções, do tipo funções sintáticas dos termos da oração, elementos mórficos das palavras.). (p. 39).

Visto que a leitura é um ato de compreensão de significados, nos faz refletir e entender o mundo de várias formas e nos dá a oportunidade de transformar conforme o nosso entendimento do que é certo ou errado. A escola como domínio social é importante nesse contexto de aprendizagem dos gêneros textuais. Antunes (2009) argumenta que:

[...]. A escola, já que é domínio social, também preenche a condição de lugar, de comunicação, e por isso seleciona um grupo de gêneros orais e escritos que fazem parte do seu cotidiano. Consequentemente deve explicar as regras de composição desses gêneros. O bom desempenho dos alunos nesses gêneros também é relevante, para criar e reforçar seu interesse por regular ou monitorar, eles mesmos, suas atividades e seus comportamentos com a linguagem. (p.70).

A educação escolar é muito importante em toda sociedade, instrui as pessoas para a leitura de mundo, interação e compreensão de tudo que existe ao nosso redor, adquirindo consciência dos deveres e direitos.

É na escola e por intermédio do educador, e não somente na disciplina de Língua Portuguesa, que os jovens e adultos vão sistematizar os conhecimentos prévios que já conhecem. De acordo com Antunes (2009, p. 187): ‘‘Em geral, o professor de qualquer disciplina apoia suas aulas em textos escritos (embora alguns sejam explicados oralmente), o que é facilitado até mesmo pela indicação de um livro didático específico. Lições de história, geografia, biologia, matemática, etc.’’. Essas disciplinas propiciam a leitura e escrita conforme os métodos e estratégias específicas de funcionamento estabelecidos em benefícios de cada educando, pois todo educador é um leitor, e utiliza-se de diferentes textos diariamente na sua prática de ensino; por conseguinte possibilita aos jovens e adultos o desempenho das habilidades comunicativas.

A aprendizagem da leitura e escrita, tem sido uma preocupação para educadores de Língua Portuguesa, visto que muitos educandos na modalidade, apresentam ter dificuldade de aquisição dessas habilidades, pelo fato de não saber ler um texto, escrever certas palavras. Este fato contribui para que muitos se sintam constrangidos em sala de aula.

O uso do gênero textual escrito, como um poema ou um bilhete, ajuda os jovens e adultos a sentirem prazer pela leitura e escrita produzidas por eles mesmo, ainda que não seja uma escrita correta, no tange às normais gramaticais. Mas isso é um começo para proporcionar um saber mais apurado, um auxílio para irem perdendo aos poucos essas dificuldades de escrita; pois a leitura e escrita andam juntas nesse processo de aprendizagem do jovem e adultos.

O texto é um meio de interação entre quem escreveu e quem está lendo. Assim os textos produzidos pelos alunos podem ser lidos pela turma, para perceberem que a

sua atividade de produção teve uma funcionalidade, como também para superar a timidez e compartilhar o que foi produzido com os colegas.

O educador de Língua Portuguesa mediante as atividades práticas e dinâmicas de produção textual, não se restringe apenas aos textos prontos do livro didático; mas deve propor que os jovens e adultos escrevam os próprios textos, conforme suas histórias de vida, ou apresentar-lhes os diversos gêneros textuais a fim de que posteriormente escolhessem alguns textos para serem trabalhados em sala. Assim pondera Antunes (2009, p.60): “A familiaridades dos alunos com a diversidade dos gêneros os deixaria aptos a perceberem e a internalizarem as regularidades típicas de cada um desses gêneros, além de favorecer a capacidade de alterar os modelos e criar outros novos.” Sendo que o livro didático no qual contém vários textos que os educadores de língua portuguesa utilizam em sala, estes devem ampliar sua variedade textual. Como afirma Bezerra (apud Dionísio, Machado, 2010):

Havendo, na sociedade atual, uma grande variedade de textos exigidos pelas múltiplas e complexas relações sociais, é necessário que o livro amplie sua variedade textual. Por isso, encontramos recomendações de que o ensino de língua portuguesa gire em torno do texto, de modo a desenvolver competências linguísticas, textuais e comunicativas dos alunos, possibilitando uma convivência mais inclusiva no mundo letrado de hoje (não no sentido de simplesmente aceita-los, mais principalmente de questiona-lo, de imprimir-lhe mudanças). (p.46).

É por meio do texto que o educando de EJA faz a aquisição da produção da escrita e interpretação oral, pois é um componente facilitador que faz chegar as habilidades discursivas e enunciativas das quais os educandos necessitam com mais facilidade. Todo gênero textual é formado a partir de sua função social e de seus propósitos comunicativos, e muitas das vezes, se fazem desnecessárias algumas produções. Somente o fato de o educando ter o contato com o gênero, conhecê-lo, compreender a sua funcionalidade já compõe um exercício interessante para o bom desempenho escolar.

A partir do procedimento de leitura, o educando facilmente se apropriará da funcionalidade do gênero, sem necessariamente fazer uma produção. Os textos são resultados das funções linguísticas desenvolvidas pela interação sociocomunicativa, que vem formalizar a oralidade e escrita dos educandos; sejam textos pequenos ou grandes;

sempre buscam a comunicação entre um indivíduo e outro, por intermédio da língua, esta que é nossa identidade cultural. Antunes (2009):

Essa língua situada é a língua viva dos textos, ou melhor dos gêneros textuais, que se materializam numa quase infinita diversidade de práticas sociais. Na verdade não falamos, não escrevemos simplesmente, construímos gêneros, segundo as convicções já estabelecidas por outros que nos antecederam ou que conosco convivem. (p.230)

Antes o ensino de língua portuguesa no Brasil era de privilégio exclusivo da gramática normativa. Apresentavam aos alunos em sala de aula muitas regras gramaticais a serem estudadas, as quais nem sempre aprendiam de fato. Como discorre Bezerra, (apud DIONISIO, MACHADO, 2010, p.39): “[...] o grupo social que continuava os estudos era da elite, que tinha prática de leitura e escrita em seu meio social que falava uma variedade da língua tida como culta, a mesma que a escola usava e queria ver sendo usada.”

Porém, hoje em dia muitas teorias proporcionadas pelo avanço dos estudos linguísticos contribuem para o processo de ensino aprendizagem que influenciam no método de ensino de língua portuguesa. Nesse contexto modifica-se essa tradição de ensinar as regras gramaticais de uma língua de elite ou de prestígio. Assim segundo Bezerra (apud DIONISIO, MACHADO, 2010, p.40): “[...] tem se destacado: a teoria sociointeracionista vygotskyana de aprendizagem, as de letramento e as de texto/discurso, que possibilitam considerar aspectos cognitivos, sociopolíticos, enunciativos e linguísticos envolvidos no processo de ensino/aprendizagem de uma língua”. Nesse prisma é conhecido que desde pequeno devemos ser influenciados à leitura e escrita. Tanto o seio familiar quanto a escola, juntamente com seus educadores, têm seu papel na construção desse percurso de aprendizagem, incentivando e apoiando sempre que necessário as crianças e jovens.

Os gêneros textuais são uma grande ferramenta de ensino nas aulas de língua portuguesa, eles fazem parte do nosso cotidiano e desempenham habilidades de leitura e escrita, estabelecem o contato direto dos educandos com o texto, tanto os narrativos, descritivos ou dissertativos na comunicação oral e escrita. Assim segundo Bezerra (apud, DIONISIO, MACHADO, 2010, p.44): “O estudo dos gêneros pode ter consequência positiva nas aulas de português, pois leva em conta seus usos e funções numa situação comunicativa. Com isso as aulas podem deixar de ter um caráter

dogmático, pois a língua a ser estudada se constitui de formas diferentes e específicas em cada situação. ”

A partir do momento em que o educando conhece as características de determinado gênero, ele é capaz de produzir seu próprio gênero, como um bilhete, uma carta, um poema. O educador apresenta-os de maneira gradual para que o jovem e adultos não se confundam com a variedade de gêneros. Com o passar do tempo vai apresentando outros gêneros com a intenção de produção ou não. De acordo com Marcuschi (apud DIONISIO, MACHADO, BEZERRA, 2010, p. 38): “A relevância maior de tratar os gêneros textuais acha-se particularmente situada no campo da linguística aplicada. De modo todo especial no ensino de língua, já que se ensina a produzir textos e não a produzir enunciados soltos.”. O trabalho com gêneros textuais na escola implica um caráter próprio de se relacionar com a linguagem e com o currículo da Língua Portuguesa.

Quando o educador de Língua Portuguesa ensina gêneros textuais em sala de aula e dá exemplos de como existe uma regra para cada uso de um determinado gênero, por exemplo, um teatro; ele tem a liberdade de utilizar algumas variações linguísticas específicas da obra. Porém o gênero artigo de opinião, este deve respeitar as normas gramaticais pré-estabelecidas; ou seja, o jovem e adultos devem estar ciente de que para toda variação linguística que ele fazer uso, existe uma norma que em determinados momentos deve ser seguida.

As atividades que realizamos em nosso convívio social estão relacionadas com utilização de linguagens, e as consolidamos por meio de palavras, de cores, textos, formas, gestos, pinturas, etc. Para se tornarem “linguagem”, tais elementos precisam obedecer a certas regras que lhes permitam a comunicação. Uma delas é que toda revelação da linguagem se dá por meio de textos, os quais surgem de acordo com as diferentes atividades que realizamos e podem ser agrupados em gêneros textuais.

É difícil para eles romperem a barreira imposta de que não sabem ler e escrever, ou que leem e escrevem mal e quando isso acontece, devemos incentivá-lo a produzir sempre mais, lembrando sempre que a diversidade de gêneros é a melhor forma de não deixar a aula cansativa, pois a cada sequência didática preparada o jovens e adultos vai

conhecendo um novo tipo de gênero, embora alguns já tenham conhecimento de determinados gêneros.

A leitura e escrita desempenham um papel fundamental no processo de ensino aprendizagem do educando e cabe ao educador definir em que momento elas serão mais adequadas. Portanto com a consideração de que não pretendo dizer que esta ou aquela é a melhor forma de se trabalhar os gêneros em sala. Porém, é preciso um processo de escolha de materiais para que o educando não se sinta intimidado com um gênero ou tipologia textual que se tomam conhecimento.

CAPÍTULO II

PERCURSO METODOLÓGICO

Toda pesquisa científica parte de um determinado problema. Assim, Aborda-se neste capítulo os procedimentos metodológicos no decorrer da investigação. Nesse contexto, foi necessário organizar a investigação através de métodos que viabilizaram e direcionaram a pesquisa para chegarmos aos objetivos correspondentes; pois de acordo com Lakatos (2010.p.65): “o método é o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo”. Deste modo, o método ou técnica será a forma que ajudará no decorrer da pesquisa diante dos sujeitos a serem investigados.

Para que pudéssemos realizar esta pesquisa com intuito de conhecer os sujeitos e compreender como acontece o processo de aprendizagem, tornou-se necessária a coleta de informações para melhor compreensão dos objetivos. Nossas metas foram verificar a utilização de gêneros textuais na disciplina de Língua Portuguesa e compreender de que forma os gêneros textuais contribuem no desenvolvimento das habilidades da leitura e escrita dos educandos no segundo segmento da Educação de Jovens e Adultos(EJA) na referida escola.

O **contexto da pesquisa** realizou-se na Escola Municipal Beatriz Maranhão, localizada na rua Pedro Ferreira Gonçalves nº 1886, bairro Raimundo Muniz. Mediante contato com a instituição, a pesquisa foi realizada com os educandos que fazem parte da Educação de Jovens e Adultos EJA do turno noturno, na faixa etária de 18 a 65 anos. A escola atende nos turnos matutino e vespertino de 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental e 125 alunos de 6º ao 9º ano no turno noturno a Educação de Jovens e Adultos- EJA.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que possibilita um efeito significativo a partir das ações que os sujeitos realizam em sala de aula. Segundo Flick (2009, p.20): “A pesquisa qualitativa é de particular relevância ao estudo das relações sociais devido a pluralização das esferas de vida.”. A pesquisa qualitativa possibilitou uma visão significativa a partir das ações dos sujeitos através do convívio nas práticas educativas, nos fez vivenciar e evidenciar a situação social na qual os sujeitos estão inseridos. De acordo com Chizzotti (2003, p. 79): “[...] parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o

objeto.’’. Também promoveu a interpretação dos fenômenos ocorridos no cotidiano da sala de aula entre educador e educando no processo de aprendizagem. Isso nos permitiu o contato direto com os investigados, e deste modo nos levou à compreensão dos acontecimentos.

O **método de abordagem** escolhido foi o dialético, que estabelece uma discussão dos fatos ocorridos na realidade do cotidiano escolar. Assim, não é somente descrever o observado sobre os gêneros textuais, mas também as relações e cotidiano da sala de aula da turma do 6º e 7º ano do turno noturno na Educação de Jovens e Adultos-EJA, a metodologia de trabalho da educadora, os hábitos dos sujeitos inseridos no contexto da pesquisa. Segundo Lakatos (2010, p. 83): ‘‘Para a dialética, as coisas não são analisadas na qualidade de objeto fixos, mas em movimento: nenhuma coisa está acabada, encontrando-se sempre em vias de se transformar.’’.

Tendo em vista suas mudanças, o objeto da pesquisa não pode ser visto como um todo separado de suas influencias, mas juntos no processo de relações com fatores que o agrupam. Nesse contexto pondera Fonseca (2008, p.1020): ‘‘[...] tudo é visto em constante mudança, pois sempre há algo que nasce e se desenvolve e algo que se desagrega e se transforma.’’. Percebe-se que o que se aprende em sala de aula não está desvinculado da realidade que cerca o educando na sua vida fora do ambiente escolar, visto que os gêneros textuais estão presentes em meio ao nosso convívio social, bem como todo conteúdo estudado é importante para o crescimento intelectual do ser humano.

Tendo como **técnica de pesquisa**, fez-se a priori, o levantamento bibliográfico referente ao tema abordado. Como discorre Gil (2010, p.29): ‘‘A pesquisa bibliográfica é elaborada com base em material já publicado em relação ao tema de estudo. Tradicionalmente, esta modalidade de pesquisa inclui material impresso, como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos.’’

Utilizou-se também a observação participante, por meio da qual houve a estada na sala de aula para melhor conhecimento e compreensão a respeito dos educandos, bem como a utilização dos gêneros textuais nas aulas de Língua Portuguesa, e principalmente no processo de desenvolvimento e aquisição da produção da escrita e leitura. Para Lakatos (2010, p.177): ‘‘A observação participante consiste na participação

real do pesquisador na comunidade ou grupo em que é realizada a pesquisa.”. Desse modo, esta técnica favoreceu o contato, direto com os sujeitos da pesquisa, proporcionou conversas abertas com os mesmos, permitiu compreender a metodologia de trabalho da educadora de Língua Portuguesa com os gêneros textuais, sempre buscando superar as dificuldades existentes no processo de aprendizagem dos educandos. Permitiu conhecer como eles interagem entre si, uma vez que a sala de aula é um espaço de diversidade, pois cada educando traz consigo uma realidade de vida, diferentes contextos familiares, econômicos e sociais.

Outra técnica utilizada foi o questionário, com perguntas abertas aos educandos e educadora da disciplina Língua Portuguesa, com intuito de conhecer o conceito que os sujeitos envolvidos na pesquisa constroem a respeito do tema abordado. Como discorre Lakatos (2010, p. 184): “Questionário é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito.” Após a coleta de dados, estes foram examinados e organizados para melhor relevância desta pesquisa.

Foi realizada a oficina temática referente ao gênero textual convite. A importância da técnica para o objetivo, que é compreender de que forma os gêneros textuais contribuem no desenvolvimento das habilidades da leitura e escrita desses jovens e adultos. Assim foi percebido que os gêneros contribuem de forma significativa, e de certa forma lúdica, para que a escrita e leitura possam ser mais prazerosa; e os educandos se sentiram motivados a escrever. Embora alguns tenham dificuldade em escrever, escreveram e leram o que produziram com uma certa felicidade.

Esta pesquisa teve como **sujeitos de investigação** 20 educandos da escola Beatriz Maranhão, com idades entre 18 a 65 anos do turno noturno da turma do 6º e 7º ano que fazem parte da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Porém, desses 20 somente 10 responderam ao questionário de coleta de dados; estes por apresentarem ter dificuldades nas habilidades de leitura e escrita. O outro questionário foi aplicado com 01 educadora de Língua Portuguesa em que foi averiguado de que forma os gêneros textuais contribuem para o processo de ensino- aprendizagem da leitura e escrita dos educandos no segundo segmento da Educação de Jovens e Adultos(EJA).

Essa turma foi escolhida por ter maior quantidade de educandos adultos, e pelo fato de constarem dificuldade na leitura e escrita. Esta escolha também se deu pela razão perceptiva quanto à utilização dos gêneros textuais, que são contextualizados através do ensino de Língua Portuguesa, onde a educadora mediava os conteúdos programáticos envolvendo os gêneros textuais.

CAPÍTULO III

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

3.1. Conhecendo o espaço da pesquisa

Considerando que este trabalho é de natureza qualitativa será adotado nas análises dos dados a escrita em primeira pessoa, uma vez que realizo uma interpretação das observações, questionários e oficina de produção textual. Desse modo, assumo uma posição discursiva e interpretativista nestas análises que se seguirão.

Para compreensão do estudo foi necessário conhecermos a instituição de ensino onde a referida pesquisa foi realizada. A escola Municipal Beatriz Maranhão atende um público diversificado. Recebeu esse nome em homenagem à professora Maria Beatriz de Medeiros Maranhão, e encontra-se em funcionamento desde 21 de março de 1989 até os dias atuais. É legalmente mantida pela Secretaria Municipal de Educação e Desporto de Parintins- SEMED



Figura 1e 2: Fachada da Escola Municipal Beatriz Maranhão.

Fonte: Vieira, 2018.

Em 2018 sob a gestão da professora Raimunda Mota da Costa com 267 alunos, oriundos dos bairros Palmares, Itaúna I e II, Paulo Correa, Bairro da União e Santa Clara. Atende nos turnos matutino e vespertino de 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental e 125 alunos de 6º ao 9º ano no turno noturno da Educação de Jovens e Adultos- EJA.

Esta modalidade de ensino a EJA ocorre por etapas, na turma do 6º e 7º no qual estive presente, iniciou-se com as disciplinas de Língua Portuguesa, das 19:00 às 20:30 horas, e Inglês de 20:30 até às 22:00 horas; sendo assim até final do mês de abril deste

ano de 2018. Posteriormente outras disciplinas, e cada uma delas pode ser definida como etapas dos estudos e todas no turno noturno. Regularmente frequentada por cerca de 15 a 18, e no máximo 20 educandos por sala de aula. Sendo que matriculam cerca de 30 educandos, mas não vão todos.

Quanto a sua estrutura física é toda em alvenaria com 05 salas de aula, 01 sala de professores, 01 sala de Recursos AEE, 01 biblioteca, 01 diretoria, 01 secretaria, 01 laboratório de informática, 01 cantina, 01 dispensa, corredor, 05 banheiros e 01 área ampla onde são realizadas as atividades esportivas e recreativas e 01 anexo onde funcionava o Programa do Novo Mais Educação.

A escola funciona com um quadro de profissionais qualificados, desde o vigia até a gestora que se empenham para pôr ordem e dar uma boa qualidade de ensino aos educandos, com o quadro funcional constituído de 42 funcionários sendo: 01 gestora, 02 professoras de Apoio Pedagógico, 17 professores em sala de aula, 02 Ax. Administrativos, 02 professoras da sala do Atendimento Educacional Especializado AEE, 03 monitores do AEE, 03 auxiliares de biblioteca, 01 Articuladora do Programa do Novo Mais Educação, 01 inspetor de aluno, 03 merendeiras, 04 Ax. de serviços gerais e 03 vigias.

Desenvolve o Projeto Resgatando Valores, o qual tem por finalidade promover a construção de uma cidadania sadia, crítica, comparativa e consciente em seu educando, tornando-os participativos como cidadãos no desempenho do seu papel, frente aos seus direitos e deveres, e respeitosos perante os deveres de seus semelhantes na sociedade em que vivem. Este projeto abrange toda a escola com participação efetiva dos educandos e educadores do Ensino Fundamental e EJA, divididos e organizados por tópicos: Família, Respeito; Amor, Fe; Carinho, Amizade; União, Paz; Bondade; Compaixão; Coragem; Honestidade; Felicidade; Generosidade; Humildade; Justiça; Obediência; Disciplina; Paciência; Responsabilidade e Solidariedade.

A escola é organizada, apesar das dificuldades cotidianas enfrentadas, foi possível observar o anseio e comprometimento dos educadores e educandos que cumprem com seus papéis que envolvem o ensinar e aprender.

3.2. Narrativas sobre as observações em sala de aula

Durante minha estada em sala de aula, eu pude perceber no decorrer das aulas o comportamento dos educandos, bem como da educadora de Língua Portuguesa. Relato aqui as observações que mais me chamaram atenção.

A educadora ao fazer a revisão sobre os gêneros textuais, disse aos educandos que já haviam sido apresentados sobre os gêneros lá no início dos seus estudos, que ela só iria relembra-los quais eram os diferentes gêneros textuais existentes, que eles servem como meio de comunicação entre nós.

Perguntou de cada um, quais eram os gêneros que eles conheciam, e pediu para eles falarem quais eram. Alguns realmente já tinham conhecimento referente aos gêneros textuais e souberam dizer a carta, o bilhete, a bula de remédio, falaram os que eram mais presentes no cotidiano deles; enquanto outros não sabiam o que era e mostraram ter curiosidade a respeito. Pondera Bezerra (apud, Dionísio, Machado, 2010):

Qualquer contexto social ou cultural que envolva a leitura e/ ou a escrita é um evento de letramento; o que implica a existência de inúmeros gêneros textuais, culturalmente determinados, de acordo com diferentes instituições e usados em situações comunicativas reais. [...]''.(p. 42).

Nesse contexto social que estamos inseridos no qual remete a sabermos ler e escrever, os gêneros estão sempre presentes em nossa sociedade. Eu penso que a educadora explicou bem sobre os gêneros textuais; falou sobre a carta, bilhete, poema, receita, a piada e disse que no decorrer de suas aulas iria trabalhar um gênero por dia para melhor compreensão de seus educandos.

Explorou mais referente a carta. Falou de sua estrutura: local e data, saudação, assunto, despedida, assinatura, em seguida passou a atividade pra escreverem uma carta a um amigo ou amiga contando como é o Festival Folclórico na nossa cidade, fazendo um convite para ele ou ela virem conhecer. Entendo que nessa atividade treina-se a escrita e produção textual dos educandos; alguns tiveram dificuldades em escrever, pois a carta tem a escrita mais longa. A educadora disse que queria somente 15 linhas, e ajudou em sua mesa os que estavam com dificuldade em algumas palavras.

Percebo que escreviam a carta com vontade, e embora a escrita não fosse correta, eles escreviam com entusiasmo. Não podemos somente ver a correção gramatical, o que para Antunes (2009, p. 59): ‘É preciso que tenhamos olhos para ver outras coisas nos textos além de sua correção gramatical. A escola não pode centrar-se apenas no estudo da gramática e deixar para descrições sumárias e superficiais a complexidade das questões textuais.’

Outra observação, foi sobre o gênero cartão. A educadora explicou sobre o gênero textual depois deu para cada educando um resumo constava alguns gêneros textuais. Em seguida produziram um cartão do dia das mulheres. Fizeram o cartão com empolgação, com vontade de escrever e colorir os seus cartões, que segundo os homens da sala era pra suas esposas. Percebo que alguns tiveram dificuldade de escrever o conteúdo dentro do cartão, mas sempre demonstrando quererem escrever. A educadora os ajudou.

Nesta outra noite, a educadora utilizou o livro didático; pediu para lerem o poema sobre a Morte e Vida Severina, e posterior debate em sala sobre o poema. A educadora antes explicou sobre o poema, disse que é um gênero textual elaborado e estruturado em versos, estrofes, rimas, métricas. Logo após toda a explicação do gênero ela pediu para alguns declamarem o poema do livro.

Percebi que alguns tiveram vergonha de ler e recusaram fazer a leitura. Penso que a educadora poderia trabalhar essa questão de timidez dos educandos, assim o aprendizado seria mais significativo e aos poucos estes iriam perdendo essa timidez. Chamou a atenção também uma aula em que a educadora pediu aos educandos que fizessem um poema com a temática da consciência negra, sobre o qual uma educanda disse: “*vou escrever aqui sobre o meu colega preto*”. E rindo olhando para o colega. A educadora imediatamente interviu no que ela havia dito, conversou referente ao racismo que é crime, mandou a educanda pedir desculpas ao colega e que isso não se repetisse mais.

Noções de respeito com seus semelhantes é de grande valia para a vida em sociedade. A postura do educador frente a essas situações que ocorrem em sala de aula é muito importante para o desenvolvimento educacional, social de seus educandos.

Noutra noite de observação a educadora utilizou o livro didático aonde tinha a lenda da mandioca, o corpo de Mandi. Neste dia ela explicou sobre as diferentes Lendas existentes em nossa Amazônia, disse que é um gênero textual, tipo narrativo, passado de geração a geração e contada como se fosse uma verdade, pode servir para explicar fenômenos ou acontecimentos reais.

E depois responderam a atividade do livro didático. Um dos educandos disse: *a lenda é muito utilizada no nosso Festival Folclórico, todo ano os dois bois mostram no Bumbódromo*. Houve um outro educando que contou histórias de quando estava no interior, ele fez farinha da mandioca, beijus, que era tudo muito bonito por lá e agora está aqui na cidade trabalhando e estudando.

Percebo que ele reflete sobre a lenda amazônica no nosso festival, levando para o que está presente no contexto regional. Esses educandos têm força de vontade de estudar, apresentam perspectivas de melhorias na qualidade de vida e esperança de um futuro melhor.

Estudou-se numa aula de Língua Portuguesa o gênero textual bilhete. A educadora explicou que o bilhete tem escrita breve e linguagem informal, com principal função informar alguém sobre algo, com destinatário e emissor. Depois cada um fez um bilhete e leram para seus colegas em sala. Percebi que alguns tiveram dificuldade, embora o bilhete seja mais breve na escrita; mesmo assim o entusiasmo e interesse pela escrita era visível principalmente nos que apresentavam dificuldade na leitura e escrita.

Em outra aula na qual a educadora diz: *hoje vamos estudar gramática dentro dos gêneros textuais, os substantivos, adjetivos, monossílabos, dissílabo, trissílabo e polissílabo, oxítone, paroxítone, proparoxítone. Vocês já estudaram há muito tempo, e só vão lembrar*. Isso de acordo com Antunes (2009, p.58): “Na perspectiva dos gêneros textuais, as regras gramaticais ganhariam seu caráter de funcionalidade, uma vez que seriam exploradas de acordo com as particularidades de cada gênero [...]”.

Nesse contexto, ela fez a revisão do conteúdo, mostrou um slide com animações sobre a História das Letras, onde havia pinturas rupestres, desenhos feitos na parede das cavernas, sons da fala (fonemas), letras do alfabeto, reforma da ortografia e logo após atividade no caderno para separar e classificar as palavras quanto ao número de sílabas e quanto à acentuação tônica. Todos muito empolgados responderam a atividade

Toda sexta a aula de Língua Portuguesa é diferente, pois ela passa filme, e os educandos trazem pipoca, refrigerante, e às vezes mudam de opções nas guloseimas, trazem lasanha, arroz, hot-dog, refrigerantes. Eles assistem em silêncio e prestando atenção ao filme, porque na próxima aula a educadora faz atividade referente ao filme.

A educadora me disse: *“toda sexta eu faço minha aula diferente, pra descontrair um pouco eles, pois trabalham o dia todo e a noite ainda tenham pique pra estudar, então de segunda a quinta conteúdo e sexta um filminho.”* Esta atividade permitiu a interação uns com os outros em sala de aula. Vale ressaltar que a maioria desses sujeitos passa o dia no trabalho, e ainda assim encontram forças para estarem presentes em sala de aula. Buscam na escola a conclusão do ensino para melhorar a qualidade de vida.

Existem dificuldades muitas vezes impostas pelo cônjuge, ou os filhos adoecem, ou não tem com quem deixar, ou até mesmo o próprio educando fica enfermo; são muitas as dificuldades na jornada educativa, que ao invés de fraquejarem encontram ânimo e força de vontade para prosseguirem seus estudos. Um educador me disse: *Enfrento meu cansaço para vim para escola, as vezes chego muito cansado do trabalho e só quero minha cama pra descansar.* Conviver com esses educandos é vivenciar histórias de vida únicas; possuem um histórico vasto de obrigações pessoais.

A educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma visão de recomeço para esses educandos, a coletividade e respeito faz o aprendizado ter mais sentido. Enfatiza um educando: *Venho para escola feliz a professora me trata bem, os funcionários da escola me respeitam e me tratam bem também.* É nesse convívio escolar que as experiências, as dificuldades, as esperanças são socializadas.

Portanto, a partir das observações feitas em sala de aula, percebe-se que a escola Beatriz Maranhão, busca sempre aprimorar seu atendimento para com seus educandos, no qual possam se sentir bem diante do seu processo educativo e ter sucesso na sociedade mediante a educação. No mais, além de desenvolver as habilidades de leitura e escrita por meio dos gêneros textuais, pauta-se em um ensino que leve o educando para a sua emancipação fazendo uma reflexão no meio que os cerca.

3.3. Gêneros textuais: prática docente

A prática da educadora de Língua Portuguesa é diferenciada, sempre respeitando a diversidades que cada educando possui, ela almeja a uma educação que possa dar-lhes subsídios para uma libertação pessoal. Ratifica um educando: *A professora explica bem o assunto e tem paciência com a gente, a aula dela é legal.* A maneira e dedicação que a educadora trabalha e assume no ambiente de sala de aula que vai delinear o sucesso de seus educandos, estes que almejam sempre o melhor para sua vida. Nesse prisma o educando sente-se seguro, sem medo de errar e querer aprender ainda mais.



Figura 3- Educadora de Língua Portuguesa explicando gênero textual
Fonte: Vieira ,2018.

Trabalhar com gêneros textuais em sala de aula fornece aos educandos motivação e entusiasmo para leitura e escrita e para um bom aprendizado. São um instrumento facilitador para a aprendizagem significativa desses sujeitos. A educadora selecionava um gênero por noite para ser trabalhado. Pude perceber o entusiasmo no rosto dos educandos nas atividades propostas depois do conteúdo explicado. Ela instigava os educandos a comentarem, participarem, eles demonstravam interesse em aprender mais sobre o gênero estudado. Discorre Antunes (2009):

A seleção das atividades e dos conteúdos de língua portuguesa poderia ser feita, em cada unidade, em torno de determinado gênero, que seria assim, o objeto central de estudos fatos de fala, de escrita, de análise e sistematização linguística. (p.61)

Com isso as atividades bem elaboradas têm resultados satisfatórios para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, bem como a utilização de um

determinado gênero textual em sua prática de trabalho é de grande relevância para o desenvolvimento das competências comunicativas.

Observei nessa turma do 6º e 7º ano noturno, a presença de alguns educandos com dificuldades na leitura e escrita, quando a educadora escrevia no quadro eles escreviam bem; mas quando ela fazia ditado eles tinham dificuldade de escrever as letras, as vogais eram separadas uma das outras em algumas palavras.

A educadora exercitava as regras gramaticas, e os educandos escreviam seu entendimento sobre o texto ou o gênero estudado, em que eles expressavam suas opiniões, estabelecendo o aprendizado na escrita. Como discorre Barbosa (1994):

Ler é sempre colocar questões a um texto: é um ato voluntario que evocamos previamente. É por isso que um texto pode ser compreendido de diversas maneiras. Pretender que exista uma única forma “correta” de interpretar um texto, um poema ou qualquer outro texto, é impedir que o leitor coloque as questões que deseja, é portanto anular a construção de sua própria compreensão. [...]”.(p.118)

Contudo é a grande preocupação da educadora, por isso ela aproxima os educandos dos textos, dos gêneros textuais mais próximos do cotidiano deles. Cada dia era trabalhado um em sala de aula, em que uma pequena leitura utilizada no dia a dia pudesse motivar conhecimento sistematizado e desenvolver a capacidade de mobilizar aquelas estratégias básicas para o ato da leitura: verificação, antecipação e identificação. Pondera Carvalho (2010):

A exploração de textos na sala de aula pode ser feita coletivamente, ou em pequenos grupos, muitos desses alunos jovens e adultos já passaram pela escola, tem conhecimento do alfabeto, e até mesmo alguns rudimentos de leitura e escrita, embora não sejam capazes de ler e escrever fluentemente. (p.14)

A educadora explorava a respeito de diferentes textos, depois de explicado, dava a atividade avaliativa, algumas vezes impressa devido ao pouco tempo em sala, já que logo após viria outra disciplina com outro educador.

Liam, e após tinham que interpretar o texto e responder as questões. Essa prática mesmo que lentamente por parte de alguns, chama a atenção para os códigos linguísticos de forma que pudessem despertá-los para produção oral e escrita.

Ela demonstrava cuidado com o desenvolvimento da leitura e escrita, da interpretação de textos, onde os gêneros textuais eram frequentes em seus exames avaliativos, bem como também outros assuntos a qual ela trabalhava de forma proveitosa para o bom entendimento de seus educandos.

A educadora tem por objetivo despertar nos seus educandos o conhecimento com diversos tipos de textos, possibilitando o hábito da leitura, despertando a curiosidade em ler e escrever para que promova a autonomia. Explorava notícias e textos do cotidiano de seus educandos, e com isso adquirindo novas informações. De acordo com Antunes (2003.p.70). “A leitura escolar dos textos e outras disciplinas representa uma oportunidade significativa de aquisição de novas informações.”

Utilizava os gêneros textuais mais presentes no cotidiano, como a bula de remédio, a carta, cartão, poema, receita, o convite, bilhete, lenda, piada; trazia textos para leitura e posteriormente fazia o debate referente ao texto ou pedia para escreverem seus entendimentos, sempre chamando a atenção para o querer aprender, tendo como objetivo o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita. Com isso os gêneros textuais contribuem de forma significativa, estimulam, dão entusiasmo, facilitam o entendimento e aprendizado com mais facilidade, pois como discorre Antunes (2009, p. 60): “A familiaridade dos educandos com a diversidade dos gêneros os deixaria aptos a perceberem e a internalizarem as regularidades típicas de cada um desses gêneros.” Nesta ótica prevalece a aproximação ao saber que cada gênero tem suas estruturas de organização e formas diferentes de se escrever.

Então, a partir das observações feitas em sala de aula, percebe-se que o ensino de Língua Portuguesa ministrado pela educadora, que ela trabalha com os gêneros textuais, textos do cotidiano do educando e outros conteúdos conforme se pede na grade curricular. Meus objetivos de compreender como os diferentes gêneros textuais podem contribuir para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita de jovens e adultos foi percebido na prática da educadora. Assim, os gêneros textuais contribuem de forma a dar entusiasmo e motivação para o desenvolvimento de tais habilidades. O outro objetivo observado na metodologia da professora foi refletir como é o processo de ensino e aprendizagem de gêneros textuais, de forma que os educandos apresentaram sempre interesse em escrever conforme suas especificidades.

Todas as vezes que era levado algum gênero textual para a sala, eles demonstravam escrever e ler com mais vontade, pois percebi quando era a outra disciplina não apresentavam interesse e motivação pela escrita e leitura. É papel do educador apresentar e trabalhar com os jovens e adultos os tipos e os gêneros textuais que fazem parte do cotidiano de seus educandos. Não podemos solicitar que ele escreva um texto sem que tenha lido um texto semelhante, é preciso o conhecimento a respeito para então partir para a prática. Para que se sinta capaz de produzir o gênero escrito, é preciso que o educando tenha conhecimento do gênero e da temática a ser abordada.

A educadora de Língua Portuguesa realizava as aulas, às vezes criativa e divertida, outras mais simples e sempre buscando o desenvolvimento das habilidades de leitura escrita de seus educandos, almejando a uma educação que possa dar-lhes subsídios para o sucesso destes jovens e adultos que buscam na educação escolar perspectivas e anseios de um futuro melhor para a sua qualidade de vida.

3.4. Análise do questionário dirigido a educadora.

A leitura e escrita têm papel fundamental na formação dos sujeitos. A educadora é relevante na mediação e articulação nesse desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, bem como a utilização dos gêneros textuais trabalhado em sua prática docente. Dessa forma buscou-se conhecer como a educadora compreende sobre de que forma os gêneros textuais contribuem no desenvolvimento das habilidades da leitura e escrita de seus educandos. De acordo com o quadro abaixo, onde pergunta-se a educadora de Língua Portuguesa a respeito dos gêneros textuais.

Quadro 1. Compreensão da educadora.

Perguntas	Respostas
1.Qual a importância da leitura e escrita no processo ensino aprendizagem?	De fundamental importância na formação dos educandos, Devemos despertar o interesse do aluno desde a mais tenra idade, para que ele possa fazê-lo de forma

	prazerosa.
2.Como a senhora trabalha o processo da leitura e escrita de seus educandos?	Além da leitura e escrita didática, procuramos despertar o interesse pela leitura nos mais variados gêneros e que desperte o gosto para produzir textos coerentes.
3.Qual a importância de se trabalhara com gêneros textuais?	Trabalha-se de uma forma mais abrangente os inúmeros gêneros, despertando o interesse por aqueles que mais se tem afinidades.
4.Que gêneros textuais a senhora trabalha com seus educandos?	Todos (quer dizer, grande maioria deles).
5.De que forma os gêneros textuais contribuem no desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita de jovens e adultos?	Os educandos da EJA buscam os gêneros de acordo com seus interesses e que agreguem aos seus objetivos que os fez estar em sala de aula.
6.Os educandos apresentam alguma dificuldade no processo de leitura e escrita?	Muitos apresentam dificuldade de leitura e escrita, para alguns é muito difícil produzir um texto, pela falta de leitura.
7.Quais as estratégias a senhora utiliza para ajudar os educandos a superar as dificuldades na leitura e escrita?	Sempre estou incentivando a produção textual para que eles tenham a oportunidade de ler o que escrevem.
8.Como a senhora avalia a leitura e escrita de seus educandos?	Nosso público educacional é de adultos que por algum motivo teve sua vida escolar interrompida, alguns tiveram mais, outros menos oportunidades do mundo letrado, portanto precisam de incentivo.

A educadora mostra compreender a importância de se trabalhar com gêneros textuais em suas aulas, visto que é um importante instrumento de desenvolver as habilidades de leitura e escrita de seus educandos.

É interessante reconhecer na fala da educadora que além dela trabalhar a leitura e escrita didática, ela procura sempre despertar o interesse de seus educandos pela leitura nos mais variados gêneros os quais vão despertar o gosto para produzirem textos.

Ela trabalha com os inúmeros gêneros textuais de forma mais abrangente e sempre despertando o interesse por aqueles que seus educandos apresentam mais conhecimento, que estão presentes no seu dia a dia.

Relata que os educandos da EJA buscam os gêneros de acordo com seus interesses, visto que ela afirma que muitos educandos apresentam ter dificuldade na leitura e escrita. Para alguns é muito difícil produzir um texto; a educadora diz ser pela falta de leitura. As estratégias que utiliza para ajudá-los na dificuldade de leitura e escrita é a produção textual. Esta que de acordo com Antunes (2009, p.50): “[...] as palavras e as frases passaram a ganhar pleno sentido somente na medida em que são vistas como parte de textos, como componentes de discurso, pelos quais as pessoas dizem, agem, tomam posições.” Sendo que por meio de suas próprias produção textual, eles tenham a oportunidade de ler o que escrevem e sentem mais motivados a querer ler e escrever.

Percebo que a educadora em suas respostas, diz que trabalhar com os gêneros textuais contribuem no desenvolvimento das habilidades da leitura e escrita de seus educandos, pois eles demonstram ter interesse e motivação, visto que seus educandos precisam de incentivo; e a leitura e escrita é de fundamental importância na formação de cada um. Diz que se deve despertar o interesse do seu educando para que ele possa fazer a leitura e escrita de forma prazerosa.

Ela trabalha por meio da educação escolar, com intuito de formar cidadãos com a capacidade de compreensão e reflexão sobre os diferentes contextos nos quais estão inseridos na sociedade. De acordo com Antunes (2009, p. 40): “a educação tem sido amplamente defendida como a condição básica para o desenvolvimento, para a superação dos mais diferentes problemas[...]” Estes jovens e adultos que por algum motivo tiveram sua vida escolar interrompida, sendo que algum tiveram oportunidade

de instrução escolar e outros não, possuem perspectivas e anseios para uma melhor qualidade de vida por meio dos estudos.

Deste modo, observei, que o trabalho com gêneros textuais tem sido utilizado muito bem para a leitura, escrita, interpretação e produção textual, a professora desperta o interesse de seus educandos, promove a participação dos educandos em suas atividades propostas em sala de aula.

3.5. Análise do questionário dirigido aos educandos

E nesta abordagem buscou-se com os educandos conhecer sobre o que gostam de escrever e ler, bem como o que entendem sobre os gêneros textuais. A respeito de suas respostas sobre se gostavam de escrever, os mesmos responderam da seguinte forma:

Quadro 1. Gosto pela escrita

Pergunta 1	Você gosta de escrever?
Educando 1	Eu gosto muito de escrever
Educando 2	Sim porque me faz bem

Fonte: Vieira 2018

Nesse prisma os educandos 1 e 2 responderam que gostam de escrever, embora o 2 diga porque faz bem para ele. Nesta perspectiva, no instante em que o educando tem o gosto pela escrita e sente que ela faz bem para si, é de grande importância para a educadora como sujeito mediador desse processo, que tem de estimular ainda mais esse gostar e assim aprimorar a escrita desse educando, e influenciá-lo ao desenvolvimento das habilidades de escrita na sua produção textual. Como discorre Antunes (2003, p.46): “As palavras virão, e a crescente competência para a escrita vai ficando por conta da prática de cada dia, do exercício de cada evento, com as regras próprias de cada tipo e de cada gênero de texto.” Com isso a prática de escrever no dia a dia em sala de aula vai aperfeiçoar as habilidades de escrita desses educandos.

Continuação das respostas dos demais educandos sobre eles gostam de escrever.

Quadro 2. Gosto pela escrita.

Pergunta 1	Você gosta de escrever?
Educando 3	Sim
Educando 4	Sim
Educando 5	Sim
Educando 6	Sim
Educando 7	Sim muito
Educando 8	Sim
Educando 9	Gosto
Educando 10	E muito

Fonte: Vieira, 2018

Sem muito detalhes nas respostas dizem que sim, que gostam de escrever, os educandos 7 e 10 responderam que gostam e muito de escrever. As atividades com os gêneros textuais e produção de texto na sala de aula contribuem para a construção dos signos linguísticos desses jovens e adultos, quando escrevem eles encontram o sentido da palavra e do discurso que possibilita alguma atividade de comunicação. Nesse contexto, discorre Antunes (2003.p. 48): ‘‘toda escrita responde a um propósito funcional qualquer, possibilita a realização de alguma atividade sociocomunicativa entre as pessoas e está inevitavelmente em relação com os diversos contextos sociais em que essas pessoas atuam.’’

Outra pergunta a qual responderam foi sobre o que gostam de escrever e porquê? Sobre estas perguntas eles responderam:

Quadro 3. O que você gosta de escrever? E por que?

Pergunta 2	O que você gosta de escrever?	E porquê?
Educando 4	Poesia	Me sinto bem compondo
Educando 5	Poemas e musicas	Porque eu acho legal
Educando 6	Historia	Gosto de ler história e de contar
Educando 10	Gosto de escrever história, carta, bilhetes.	Porque eu me sinto importante na leitura.

Fonte: Vieira, 2018.

Esses 4 educandos apresentam fazer uso dos gêneros textuais, a poesia, o poema, histórias, carta e bilhete são gêneros que mais gostam de escrever, e por isso apresentaram muito interesse nas aulas de Língua Portuguesa quando a educadora trabalha esses gêneros em sala. Eles dizem sentir bem, acham legal, e sentem importantes quando fazem essa atividade.

O educando 10 gosta de escrever história, carta, bilhetes e responde porque se sente importante na leitura. Nesse sentido meu objetivo de saber de que forma os gêneros textuais contribuem no desenvolvimento das habilidades da leitura e escrita de jovens e adultos, é de que de fato, contribuem de forma significativa, de motivação e entusiasmo para o desenvolvimento de tais habilidades. Dessa forma coma ajuda dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997).

Para aprender escrever, é necessário ter acesso a diversidade de textos, escritos, testemunhar a utilização que se faz da escrita em diferentes circunstâncias, defrontar-se com as reais questões que a escrita coloca a quem se propõe produzi-la, arriscar-se a fazer como consegue e receber ajuda de quem já sabe escrever. (p.48)

Visto que para aprender escrever, é necessário ter acesso à diversidade de texto, definidos por suas propriedades sociocomunicativas, encontramos estes textos presentes

no nosso cotidiano, vinculados à vida cultural e social de cada um de nós. Continuação das respostas dos demais educandos.

Quadro 4. O que você gosta de escrever? E por que?

Pergunta 2.	O que você gosta de escrever?	E por que?
Educando 1	Eu gosto de escrever carta.	
Educando 2	Poesia	
Educando 3	Tudo	Por que eu quero aprender
Educando 7	Poesias, verso e musicas	
Educando 8	Tudo para obter conhecimento e melhorar a escrita	
Educando 9	Gosto de escrever sobre a minha vida.	

Fonte: Vieira, 2018.

Percebe-se a preferência dos educandos pela escrita dos gêneros textuais que tem mais afinidade. Responderam apenas o que gostam de escrever e somente o educando 3 respondeu o porquê; disse que gosta de escrever tudo e porque ele quer aprender. O educando 8 respondeu, que também gosta de escrever tudo para obter conhecimento e melhorar a escrita. O gênero poema e poesia estão presentes nas respostas dos educandos 2 e 7; isso mostra que gostam de expressar seus sentimentos e imaginação em suas escritas; sendo de grande importância para o desenvolvimento de sua leitura e escrita e alargando mais ainda seus conhecimentos.

Cabe à educadora estimular, incentivar estes a exercitarem os textos poéticos e apresentar-lhes a estrutura desse gênero, pois segundo Antunes (2003, p.48): “a escrita varia, na sua forma, em decorrência das diferenças de função que se propõe cumprir e, conseqüentemente, em decorrência dos diferentes gêneros em que se realiza”. Com isso

a escrita varia conforme a estrutura de cada gênero, não se escreve um bilhete com se escreve um poema, cada um tem sua composição que se propõe cumprir.

A leitura é importante para nossa aprendizagem, através dela que podemos enriquecer e acrescentar nosso vocabulário, obter mais conhecimento, dinamizar o raciocínio e a interpretação. Para sabermos o que os educandos mais gostam de ler e porquê? Eles responderam que:

Quadro 5. O que você mais gosta de ler? E porquê?

Pergunta 3	O que você mais gosta de ler?	E por que?
Educando 6	Historia	Porque conta sobre o que aconteceu
Educando 7	Gosto de literatura, geografia	
Educando 8	Poemas	Acho românticos
Educando 9	Gosto de ler livros de historias	
Educando 10	A bíblia e outros livros de Português	

Fonte: Vieira, 2018

Os educandos 6 e 9 gostam de ler histórias, sendo que somente um respondeu o porquê? no qual diz que a história conta sobre o que aconteceu. Percebo que as respostas pelo o que mais gostam de ler são variadas, visto que o educando 7 gosta de literatura e geografia, o educando 8 gosta de ler poema e diz por que acha romântico, já o educando 10 gosta de ler a Bíblia e outros livros de Português.

É perceptível o gosto pela leitura que eles demostram ter, lê-se, para obter informações simples e complexas, para buscar diversão e descontração, para facilitar a vida diária, incorporar novas ideias e informações, pois tudo remete a lermos sobre algo

que está em nosso convívio. Segundo Antunes (2003, p. 70): “Pela leitura, o leitor pode incorporar novas ideias, novos conceitos, novos dados, novas e diferentes informações acerca das coisas, das pessoas, dos acontecimentos, do mundo em geral.” Continuação das respostas dos demais educandos.

Quadro 6. O que você mais gosta de ler? E porquê?

Pergunta 3	O que você mais gosta de ler?	E por que?
Educando 1	Eu gosto de ler jornal	Pra ficar bem informado
Educando 2	Gosto de ler jornal	Gosto das notícias
Educando 3	Gosto de ler tudo	
Educando 4	Gibi	
Educando 5	Sobre leituras	Pra ajudar a raciocinar a mente

Fonte: Vieira, 2018

Os educandos 1 e 2 gostam de ler jornal, dizem que é para ficar bem informado e saber das notícias. Isso é muito bom, pois demonstram sentimentos de satisfação pela leitura. O educando 5 gosta de ler leituras de tudo, sendo que é para ajudar a raciocinar a mente. Bem como o educando 3 que gosta também de ler tudo, demonstrando ter interesse pelos mais variados gêneros e textos, e tudo que remete à leitura, e não respondeu o porquê gosta de ler tudo. Já o educando 4 somente respondeu que gosta de ler Gibi, e não respondeu o porquê.

Percebo que todos fazem uso de algum gênero textual entre o que mais gostam de ler, visto que o jornal e gibi estão presentes no seu cotidiano. Segundo Antunes (2003, p. 66): “A leitura é a parte da interação verbal escrita, enquanto implica a participação cooperativa do leitor na interpretação e na reconstrução do sentido e das intenções pretendidas pelo autor.” Dessa forma a atividade da leitura completa a atividade da produção escrita, buscando a interpretação do que foi lido.

A utilização dos gêneros textuais no ensino de Língua Portuguesa na Educação de Jovens e Adultos é uma alternativa que traz grandes benefícios nas habilidades de leitura escrita. Outra pergunta a qual responderam foi sobre o que eles entendem sobre gêneros textuais. Sobre estas perguntas eles responderam, de acordo com o quadro abaixo:

Quadro 7. O que você entende sobre Gêneros Textuais?

Pergunta 4	O que você entende sobre Gêneros Textuais?
Educando 1	Não muita coisa
Educando 2	É uma atitude do conhecimento
Educando 3	Eu entendi que para cada tipo de situação, na escrita tem seu próprio tipo de gênero textual.
Educando 4	O que eu entendo é que dar pra escrever carta, bilhetes e convites.
Educando 5	Não muita coisa.

Fonte: Vieira,2018

Percebe-se neste quadro que os educandos 1 e 5 expressam não entender muita coisa sobre os gêneros textuais, o educando 2 responde que é uma atitude de conhecimento, mostrando que entende que os gêneros servem pra adquirir conhecimento. Bem como o educando 3 diz para cada situação na escrita tem seu próprio tipo de gênero. Acredito que quis responder que para cada gênero textual ha sua própria forma de escrever. Como discorre Antunes (2003, p. 62): “As propostas para que os alunos escrevam textos devem corresponder aos diferentes usos sociais da escrita.” Já o educando 4 responde que dá para escrever carta, e convites, percebe-se que tem conhecimento a respeito desses gêneros, ou que talvez porque entre os mais

variados gêneros estudados em sala de aula, estes foram os que mais chamaram a atenção desse educando.

Dessa forma a prática de produção escrita e leitura dos educandos deve ser incentivada propiciando um olhar significativo para o desenvolvimento dessas habilidades.

Quadro 8. Continuação das respostas dos educandos, sobre que você entende sobre Gêneros Textuais?

Pergunta 4	O que você entende sobre Gêneros Textuais?
Educando 6	Entendo que são muitos tipos de textos
Educando 7	Entendo que os gêneros textuais existem para nos comunicar com outros.
Educando 8	Algumas coisas
Educando 9	Entendo que são coisas de informação que estão no nosso meio.
Educando 10	Entendo que são meios de informações que estão entre nós em todo lugar.

Fonte: Vieira, 2018.

É perceptível na fala dos educandos a presença do conhecimento dos gêneros com uma forma de comunicação que está presente no nosso cotidiano. Expressam conhecimento acerca dos gêneros, para informar uns com outros. O educando 6 responde que são muitos tipos de textos. Já o educando 8 expressa não entender muita coisa a respeito dos gêneros.

Cabe à educadora continuar apresentando os gêneros em sala de aula para o total conhecimento desses educandos que demonstraram não saber muita coisa. Assim, despertando o exercício da produção escrita, alargando mais e mais seus conhecimentos a respeito dos gêneros e seus benefícios como forma de comunicação presente em nossa

sociedade. Foi questionado aos educandos sobre quais as contribuições dos gêneros textuais para a aprendizagem na leitura e escrita? Eles responderam conforme o quadro:

Quadro 9. Quais as contribuições dos gêneros textuais para a aprendizagem na leitura e escrita?

Pergunta 5	Quais as contribuições dos gêneros textuais para a aprendizagem na leitura e escrita?
Educando 1	Contribuem para eu ler melhor um bom livro.
Educando 2	Melhora minha escrita e leitura.
Educando 3	Contribuem para compreender sobre a leitura que estão no nosso meio.
Educando 4	É muito bom para eu melhora as palavras na minha escrita.
Educando 5	Ajuda bastante na minha leitura e escrita sair melhor.

Fonte: Vieira, 2018.

As contribuições dos gêneros textuais nas respostas dos educandos são de grande valia. Na resposta do educando 2 contribui na melhoria de sua leitura e escrita, bem como do educando 5 que o ajuda bastante no seu desempenho na leitura. Para o educando 1, os gêneros contribuem para ele ler melhor um bom livro. Percebo que é muito bom esse gosto pela leitura que apresenta ter. Como pondera Antunes (2003, p. 71): “a leitura possibilita a experiência gratuita do prazer estético, do ler pelo simples fato de ler. Para deleitar-se com as ideias, com as imagens criadas, com o jeito bonito de dizer literalmente as coisas.”

Nesse contexto, as contribuições dos gêneros textuais para o educando 4, são de que ajudam para ele melhorar as palavras na escrita, visto que alguns educandos apresentavam ter dificuldade na união de algumas letras, na formação de palavras. O

educando 3 diz contribuir para compreender sobre a leitura que estão no nosso meio. Sendo assim, ambos os educandos têm conhecimento das contribuições dos gêneros textuais para a aprendizagem na leitura e escrita, em que as possibilidades de exercer uma ação em uma determinada situação dependem de seus saberes linguísticos escritos e orais.

Quadro 10. Continuação das respostas dos educandos, sobre quais as contribuições dos gêneros textuais para a aprendizagem na leitura e escrita?

Pergunta 5	Quais as contribuições dos gêneros textuais para a aprendizagem na leitura e escrita?
Educando 6	Contribui para eu entender melhor as coisas que leio.
Educando 7	Nos mostra e nos ensina como devemos escrever e ler os textos.
Educando 8	Para tudo, principalmente para eu ajudar meus filhos nas tarefas da escola.
Educando 9	Foi muito importante para melhorar minha escrita e leitura de textos.
Educando 10	Contribui para eu saber separar as letras das palavras.

Fonte: Vieira, 2018.

Nota-se neste quadro as contribuições para o educando 8, que ajuda os filhos nas tarefas de aula. Percebo que trouxe benefício também para os filhos, que têm a ajuda para realização dos seus deveres escolares em casa.

O educando 10 diz que contribui para ele saber separar as letras das palavras; isso é uma dificuldade apresentada por alguns educandos em minha observação em sala de aula, visto que os trabalhos com diferentes tipos de gêneros textuais e textos que a educadora traz para suas aulas, tem sido de grande importância para despertar o

interesse pela leitura e escrita, bem como melhorar no aprendizado de separação das palavras nas atividades de separação.

O educando 6 diz que contribui entender melhor o que lê, desperta o entusiasmo e interesse para o bom entendimento do texto lido. O educando 9 fala que contribui para melhoria na escrita e leitura de textos; bem como para o educando 7, que diz mostrar e ensinar como devemos escrever e ler os diversos textos.

Ambos respondem referente à leitura de textos, na qual o educando deve ter interesse de querer aprender e conhecer os diferentes tipos de textos com seus aspectos mais abrangentes como características linguísticas, estrutura textual e principalmente sua função. O texto é carregado de informações e bem trabalhado proporciona ao educando um bom aprendizado.

É relevante o trabalho com os gêneros textuais os quais tem grande contribuição para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita desses jovens e adultos, que almejam uma melhor qualidade de vida, tem perspectivas e anseios de mudanças por meio dos estudos. Percebi na fala dos educandos que a maioria gosta de ler, escrever e conhecer os gêneros textuais, alguns já tinham ouvido falar e outros já tiveram oportunidade de trabalhá-los; pois os gêneros textuais estimulam na produção de textos e colaboram para uma melhor prática de leitura.

A educadora atende às necessidades de seus educandos, sempre prestativa e cria mecanismos para o melhor desempenho escolar dos mesmos. Embora uns se mostrarem desinteressados ela sempre estava atenta, e cabia a eles também querer aprender, visto que tudo que é transmitido em sala de aula é de grande valia para seu aprendizado e para a vida.

3.6. Análise da oficina: gênero textual convite

A pesquisa possibilitou o desenvolvimento da oficina do gênero textual o convite. A oficina tinha como objetivo apresentar aos educandos o conceito de gêneros textuais e tipos textuais, mais especificando o gênero “Convite”. Ela veio contribuir para o aprendizado da prática da leitura, produção e compreensão dos textos na disciplina de Língua Portuguesa.



Figura 4- Explicação dos Gêneros Textuais e sobre a Oficina: Gênero textual convite
Fonte: Vieira, 2018.

Iniciou-se a oficina através de um breve diálogo com os educandos a respeito dos gêneros textuais e tipos textuais. Colocando o contexto ao qual se trataria a aula. Foi passado em slide o conceito de gêneros textuais e tipos textuais, suas estruturas e funcionalidades, mais especificamente o gênero convite.

A oficina tinha como objetivos específicos: Mostrar para os educandos os diferentes tipos de gêneros textuais existentes em nosso meio social, enfatizando o gênero convite. Identificar e argumentar acerca dos gêneros textuais, aperfeiçoando a prática da produção de texto. E compreender como os diferentes tipos de gêneros textuais podem contribuir para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita desses jovens e adultos.

Posteriormente foi explicado o gênero textual convite, sobre as partes estruturais que compõem o convite, a sua função, expressão linguística, todas as características para melhor entendimento dos educandos. Como pondera Marcushi (apud, DIONISIO, MACHADO, BEZERRA, 2010, p.37). “[...] o trabalho com gêneros textuais é uma extraordinária oportunidade de lidar com a língua em seus mais diversos usos autênticos no dia a dia. Pois nada do que fizemos linguisticamente estará fora de ser feito em algum gênero.”

Em seguida foi dado para cada educando uma folha de A4 de variadas cores para que pudessem ali produzir seus convites. Foi solicitado que escrevessem convidando algum amigo, familiares para virem participar do aniversário da Escola. Nesse momento

percebo que todos muito entusiasmados escreviam seus convites, me chamavam quando tinham alguma dúvida, sempre mostrando interesse pela escrita do convite.

Uma cena que me chamou atenção, foi seu João que embora apresentasse dificuldade de escrever as palavras, o gênero textual o motivou a escrever e ler o que produziu. No último momento foi solicitado que cada um lesse os convites que produziu, e foi maravilhosa a interação deles na hora da leitura. Ele assim como os demais em sala, mostraram que as aulas com o gênero textual são mais incentivadoras, pois se esforçam para aprender. Estes educandos estão na escola para buscar mais conhecimento e têm perspectivas e anseios de um futuro melhor.



Figuras 5, 6 e 7 - Educandos produzindo o Gênero Textual Convite.
Fonte: Vieira, 2018.

Dessa forma com já estabelecido nas respostas dos educandos o gosto pela leitura e escrita nos diferentes gêneros textuais presentes no dia a dia de cada um. A oficina com o gênero convite veio contribuir para o aprendizado significativo nas práticas de leitura e escrita desses jovens e adultos, ajudando na melhor compreensão de diferentes textos na disciplina de Língua Portuguesa, de forma divertida e interessante; assim como eles demonstraram na produção realizada em sala de aula.

A oficina alcançou os objetivos esperados, alguns educandos demonstraram já ter algum tipo de conhecimento referente aos gêneros. Acredito que devido á educadora de Língua Portuguesa trabalhar com os gêneros em suas aulas, outros não sabiam muito, mais demonstraram querer saber a respeito do assunto. Quando perguntei se conheciam alguns gêneros, eles responderam que conheciam a carta, o convite, bilhete, receita culinárias, estes que mais estão presentes no seu convívio social, pois segundo Marcushi

(apud, DIONISIO, MACHADO, BEZERRA,2010, p. 19): “[...] os gêneros são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social.”

Os gêneros textuais são uma excelente ferramenta para a formação intelectual, estabelecidas nas práticas do educador no contexto escolar e dessa forma possibilita a leitura consciente sem entraves, além de prazerosa, foi de ampla importância para refletirmos como é o processo de ensino aprendizagem de gêneros textuais para esses educandos.

Portanto o trabalho com os gêneros textuais para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, é enriquecedor e desperta o interesse desses jovens e adultos, são um impulso que o educando precisa, pois a partir de sua utilização nas aulas, essa vontade de ler, escrever e criar, vem desperta-los a desenvolver tais habilidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

O presente trabalho monográfico evidencia que a Educação de Jovens e Adultos vem ganhando espaço no campo educacional. Com intuito de conhecer essa modalidade fez-se necessário adentrar na Escola Beatriz Maranhão e compreender de que forma os gêneros textuais contribuem no desenvolvimento das habilidades da leitura e escrita de jovens e adultos no segundo segmento na turma do 6º e 7º ano noturno.

Por meio do percurso metodológico no qual se deu por observação participante, questionários aplicados a educadora e educandos, a realização da oficina do gênero convite, a qual foi de grande importância para obter resultados significativos e informações que acrescentaram a veracidade dos dados analisados. Evidenciando a didática da educadora ao trabalhar com os gêneros, ela almeja atender às necessidades de seus educandos, em que os gêneros trabalhados contribuem e muito para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita de seus educandos.

Os textos, os gêneros textuais escolhidos eram correntes com o contexto de cada um, promovendo o entusiasmo, a aceitação e participação nas atividades de produção escrita e leitura na sala de aula. Aprendiam com mais facilidade e qualidade, auxiliando o educando a ler e escrever. Porém, de nada adiante em se pensar em um ensino para a emancipação, para a criticidade se o educador não tiver uma formação específica para a educação de jovens e adultos e que tenha um comprometimento com os educandos, rever e refletir sobre sua prática docente criando novas técnicas de ensino.

Esta pesquisa fez-se importante para evidenciar que os gêneros textuais são importantes ferramentas para o ensino aprendizagem, no qual promove o interesse pela leitura e escrita a partir da interação comunicativa da realidade de cada educando com os gêneros os quais demonstram ter mais afinidade e conhecimento, como o convite, a carta, bilhete, poema, piada, receita, bula de remédio, bem como os textos dissertativos e argumentativos presentes no livro didático, introduzidos com conteúdo específicos de cada área do conhecimento. Tendo em vista a prática da educadora de Língua Portuguesa que busca por meio dos gêneros textuais incentivar os educandos a serem autônomos, críticos e reflexivos no mundo letrado.

Os objetivos desta pesquisa foram alcançados, visto que o objetivo deste estudo é compreender de que forma os gêneros textuais podem contribuir para o

desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita de jovens e adultos; e refletir como é o processo de ensino e aprendizagem de gêneros textuais no segundo segmento da educação de Jovens e Adultos (EJA). Foi notório através da oficina realizada perceber que os educandos da EJA gostam de atividades que envolvam os gêneros textuais nas aulas de Língua Portuguesa, as dificuldades na leitura e escrita existem, porém, com a inserção dos gêneros nas aulas, essas dificuldades podem ser amenizadas e trabalhadas para se ter melhor rendimento no que tange ao desenvolvimento dessas habilidades.

Conclui-se que esta pesquisa foi de grande importância para refletirmos como é o processo de ensino aprendizagem de gêneros textuais para esses educandos, abrindo novas perspectivas e reflexões acerca dessa modalidade e dos sujeitos que dela fazem parte, que possuem um conhecimento de vida e buscam por meio da educação novos caminhos para uma qualidade de vida melhor.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

_____. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e leitura**. São Paulo: Cortez, 1994.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Ministério da Educação. Disponível em www.portal.mec.gov.br/arquivo/pdf/ldb. Acessado em 18/01/2018.

BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**; Brasília, DF, 1997.

CARVALHO, Marlene. **Guia prático do alfabetizador**, 1ª ed. São Paulo: Atica, 2010.

COELHO, Maria José. **Princípios da andragogia como ferramenta para a criação de um ambiente transformador nas organizações**. Disponível em www.sbgc.org.br. Acessado em 14/01/2018.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.

CRFB. **Constituição da República Federativa do Brasil**, 35. ed, 2012. Disponível em www.planalto.gov.br/ccivil.03. Acessado em 16/01/2018.

DEMO, Pedro. **Pobreza política**. A pobreza mais intensa da pobreza brasileira. Campinas, SP: Armazém do Ipê (Autores associados), 2006.

FIORIN, José Luís. **Introdução a Linguística**. -6ª ed., 2ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2012.

FLICK, UWE. **Introdução a pesquisa qualitativa**. 3 Ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FONSECA, Luís Almir. **Metodologia científica ao alcance de todos**. 3. Ed. Manaus: Editora Valer, 2008.

FREIRE, Paulo. **A educação como prática da liberdade.** 27ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

GADOTTI, Moacir, ROMAO, E, José (orgs). **Educação de Jovens e Adultos:** teoria, prática e proposta. -12.Ed.Sao Paulo: Cortez,2012.

GHEDIN, Evandro(org.). **Interfase entre Educação do campo e educação de jovens e adultos.** -Manaus: Edições UEA/Ed. Valer,2008.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica.**7.Ed.Sao Paulo: Atlas, 2010.

MARCUSCHI, L, A. **Gêneros textuais:** definição e funcionalidade.In.DIONISIO, A; MACHADO, A; BEZERRA, M (orgs). **Gêneros textuais e ensino.**2ª. Ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2010.

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete lições sobre educação de adultos:** Introdução de Demerval Saviani e Betty Antunes de Oliveira: versão final revista pelo autor. -11. Ed.- São Paulo, Cortez,2000.

SCHWARTZ, SUZANA. **Alfabetização de Jovens e adultos:** teoria e pratica. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes,2012.

SOARES, Magda Backer- **Linguagem e Escola.** - São Paulo: Ática, 2001.

_____, **Letramento:** um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SOEK, Ana Maria. **Mediação Pedagógica na alfabetização de jovens e adultos.** Curitiba: Ed.Positivo,2009.

